

REVISTA DE HISTÓRIA DAS IDEIAS 16

DO ESTADO NOVO AO 25 DE ABRIL



INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS
FACULDADE DE LETRAS

COIMBRA 1994

MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA

Um ideal educativo

Introdução

Alicerçada sobre os três pilares básicos da ideologia salazarista — *Deus, Pátria, Família* — a política educativa do Estado Novo visava a construção de uma nova sociedade, moldada e submissa aos seus valores e princípios fundamentais. Para isso, apostava essencialmente na formação da geração do amanhã, cujos principais predicados seriam a obediência e a ordem, a resignação e o espírito de sacrifício, a humildade e o amor ao trabalho, a caridade e a devoção a Deus e à Pátria. Procurava-se em suma, criar a geração sã, trabalhadora, dócil e obediente, que o Estado Novo desejava e não tinha⁽¹⁾.

Neste sentido, assiste-se a uma reforma profunda e global do ensino, que terá particular incidência a partir de 1936, ano em que é igualmente criada a Mocidade Portuguesa. Esta organização visava reunir sob alçada e orientação do regime de Salazar, todos os rapazes portugueses⁽²⁾. As meninas porém, ficavam de fora e foi *

* Professora do Ensino Secundário.

(1) Cf. M. F. Mónica, *Educação e Sociedade no Portugal de Salazar — A Escola Primária Salazarista 1926-1939*, Lisboa, Editorial Presença/G.I.S., 1978, caps. II, ru e vni.

(2) Note-se que a M.P. teve como antecessoras a Liga da Mocidade Portuguesa (1933) e a Acção Escolar Vanguarda (1934). Sobre o assunto veja-se, António Moreira, "Mocidade Portuguesa", in *Dic. Enciclopédico de História de Portugal* Lisboa, Selecções do Reader's Digest, 1990, vol. I, pp. 482-483; e

para suprimir esta lacuna que o então Ministro da Educação Nacional, António Faria Carneiro Pacheco, decidiu criar a Mocidade Portuguesa Feminina (M.P.F.), dois anos depois⁽³⁾. Umbilicalmente ligada à Obra das Mães Para a Educação Nacional (O.M.E.N.)⁽⁴⁾, a M.P.F. era dirigida a todas as raparigas portuguesas, a ela pertencendo obrigatoriamente as jovens dos 7 aos 14 anos. A partir desta idade, a filiação passava a assumir o carácter de voluntariedade, que podia ir até aos 21 anos, ou até aos 25, no caso de se tratarem de estudantes⁽⁵⁾. Na realidade porém, esta organização juvenil acabou por actuar sobretudo junto das escolas, sendo a esmagadora maioria das suas filiadas estudantes⁽⁶⁾.

De acordo com o Art. 10º do seu regulamento e à semelhança da sua congénere masculina, a M.P.F. agrupava as suas filiadas por quatro escalões etários: Lusitas, dos 7 aos 10 anos; Infantas, dos 10 aos 14 anos; Vanguardistas, dos 14 aos 17 anos; e Lusas, dos 17 aos 25 anos⁽⁷⁾. Para efeitos da organização, o país era dividido em Províncias e estas em Regiões, onde funcionavam respectivamente, as Divisões e as Alas. Estas últimas desdobravam-se ainda em unidades mais pequenas, os Centros, onde as filiadas eram agrupadas nas seguintes formações: Quinas, compostas por cinco filiadas; Castelos, compostos por cinco Quinas; Grupos de Castelos,

também, António Costa Pinto e Nuno Afonso Ribeiro, "Fascismo e Juventude nos Primórdios do Estado Novo: A Acção Escolar Vanguarda (1933-1936)", in *O Fascismo em Portugal*, Lisboa, A Regra do Jogo, 1982, pp. 229-258.

⁽³⁾ Cf. Lopes Arriaga, *Mocidade Portuguesa — Breve História de Uma Organização Salazarista*, Lisboa, Terra Livre, 1978, p. 115.

⁽⁴⁾ A O.M.E.N. foi a outra grande organização feminina salazarista. Criada pelo decreto n.º 26 893, de 18 de Maio de 1936, tinha por missão principal a restauração e defesa dos valores tradicionais da antiga família portuguesa cristã, sendo-lhe neste sentido confiada a organização e orientação da M.P.F.. A este propósito, veja-se, Maria Belo e outras, "O Estado Novo e as Mulheres", in *O Estado Novo. Das Origens ao Fim da Autarcia — 1926-1959*, Lisboa, Fragmentos, 1987, vol. II, pp. 268-269.

⁽⁵⁾ Cf. S.P.N., *Mocidade Portuguesa Feminina — Organização e Actividade*, Lisboa, s.d., p. 9 (Daqui em diante passamos a citar S.P.N., M. P. F. — *Organização...*).

⁽⁶⁾ Cf. S.P.N., *Mocidade Portuguesa Feminina — 25 Anos de Actividade*, Lisboa, s.d., p. 9. S.P.N., (Daqui em diante passamos a citar M. P. F. — *25 Anos...*)

Q O regulamento da M.P.F. encontra-se publicado na obra de Lopes Arriaga, *oh. cit.*, pp. 141 a 151.

compostos por quatro Castelos; Bandeiras, compostas por três Grupos de Castelos; e Falange, composta por duas Bandeiras⁽⁸⁾. Cada unidade (divisão, ala ou centro) estava a cargo de uma Dirigente, tendo cada uma das formações referidas uma Graduada como Chefe⁽⁹⁾. No topo de toda a hierarquia^{(10 *}) estava o Comissariado Nacional, responsável, por delegação do Ministro da Educação Nacional, pela orientação superior da vida da M.P.F. Composto por uma Comissária Nacional e duas Comissárias Adjuntas, o primeiro Comissariado Nacional ficou inicialmente instalado no Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho, contando com a colaboração de três mulheres ligadas à já referida O.M.E.N.⁽ⁿ⁾: Maria Guardiola, Maria Luisa Vanzeller e Fernanda Orey⁽¹²⁾.

Uma vez feita a apresentação do nosso objecto de estudo, a M.P.F., convirá agora definirmos o que se pretende com este trabalho.

De certo não terá escapado ao leitor mais atento, que os dados até aqui apresentados relativos a esta organização de juventude salazarista, nos dão essencialmente conta da sua dimensão estrutural e orgânica. Dos fins que a conduziam e das actividades que promovia junto das suas filiadas, pouco ou nada foi dito, pois será precisamente sobre estes aspectos que nos iremos debruçar, tomando como linha condutora a resposta à seguinte questão: que ideal educativo a M.P.F. perseguia e procurava veicular?

As fontes base utilizadas para o efeito serão duas: o *Boletim da Mocidade Portuguesa Feminina* e a sua sucessora directa, a revista *Menina e Moça*, sobre as quais convém tecer algumas considerações.

Desde já adiantamos, que o ideal de educação feminino proposto numa e noutra publicação é o mesmo. Todavia, existem

⁽⁸⁾ Cf. S.P.N., *M. P. F. — Organização...*, p. 9.

⁽⁹⁾ Sobre o papel e funções de dirigentes e graduadas, veja-se o artigo de Joaquim Melo, "Algumas reflexões sobre o modelo organizacional da Mocidade Portuguesa nos primeiros cinco anos dessa organização", *O Professor*, Set. 1990, n° 9, 3ª série, p. 9.

⁽¹⁰⁾ Acerca da hierarquia da M.P.F. veja-se, S.P.N., *M. P. F. — Organização...*, pp. 10-14. Ver também esquema em anexo.

⁽ⁿ⁾ Cf. Maria Belo e outras, "O Estado Novo e as Mulheres", in *ob. cit.*, p. 268.

⁽¹²⁾ Sobre o primeiro comissariado da M.P.F. veja-se, Lopes Arriaga, *ob. cit.*, p. 118.

diferenças entre ambas, que a nosso ver, resultaram da necessidade de acompanhar a própria evolução do regime⁽¹³⁾.

O *Boletim da Mocidade Portuguesa Feminina* foi publicado entre Maio de 1939 e Abril de 1947, correspondendo *grosso modo* à fase de "construção do Estado Novo (1933-1945)". Era uma publicação dirigida apenas às filiadas da M.P.F., evidenciando um apoio muito claro e expresso ao regime salazarista⁽¹⁴⁾.

A revista *Menina e Moça* publica o seu primeiro número em Maio de 1947, terminando em 1974, na sequência da queda do regime. Saliente-se contudo, que ao longo deste período, a revista passou por três fases⁽¹⁵⁾, das quais apenas a primeira foi por nós analisada, enquadrando-se dentro da fase de "diversificação do regime (1945-1961)" e correspondendo, por conseguinte, a um período e a uma estratégia diferente: maior abertura e diversificação ao nível das temáticas abordadas e uma ligação menos explícita e vinculada ao regime. O número de artigos sobre a vida e actividades da M.P.F. é significativamente reduzido e a revista perde o seu carácter elitista, dirigindo-se, já não exclusivamente às filiadas daquela organização, mas a todas as raparigas portuguesas, propondo-lhes como modelo ideal, o de "Menina e Moça"⁽¹⁶⁾, sobre o qual irá pois, incidir a nossa análise nos capítulos que se seguem.

1. A formação moral e religiosa

Visando formar raparigas portuguesas e cristãs, a M.P.F. colocava em primeiro plano a educação moral e religiosa das suas filiadas. Através desta, procurava inculcar-lhes o sentido do dever e

⁽¹³⁾ A este propósito tenha-se em conta as fases históricas do regime propostas por Manuel Braga da Cruz, na sua obra, *O Partido e o Estado no Salazarismo*, Lisboa, Editorial Presença, 1988, cap. I, pp. 38-47.

⁽¹⁴⁾ A este nível veja-se a última página que em cada número é reservada à participação das filiadas e onde a referência e apologia a Salazar e à sua ideologia é por demais evidente.

⁽¹⁵⁾ 1ª fase: de 1947 (nº 1) a 1958 (nº 124), a Dir. Prop. publ. do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina; 2ª fase: de 1958 (nº 125) a 1972 (nº 280), a Dir. Ed. e publ., passa para Maria Joana Mendes Leal; 3ª fase: de 1973 (nº 297) a 1974 (nº 300), a Dir. publ. fica a cargo de Maria Fernanda Margarida Correia.

⁽¹⁶⁾ Cf. *Menina e Moça*, nº 1, Maio, 1947, p. 2.

o espírito de sacrifício e de dedicação ao bem-estar comum. Servir a Deus e à Pátria, era acima de tudo aceitar com alegria e resignação os seus deveres junto do lar e da família. Procurando transmitir estes ideais, a M.P.F. oferecia às alunas do ensino primário e primeiros anos do secundário, aulas semanais relativas a esta matéria. Para as estudantes mais velhas, as lições de moral passavam a assumir a forma de encontros, onde tinha lugar o debate de temas variados, mas concordantes com o lema proposto pela Organização em cada ano⁽¹⁷⁾.

Passando à acção concreta, a M.P.F. participava em movimentos de solidariedade, a nível nacional e internacional e fazia do espírito de missão um dos pontos obrigatórios do seu programa de formação moral e religiosa, convidando por isso, as suas filiadas a participar na missão evangelizadora e civilizacional de que Portugal era responsável⁽¹⁸⁾. Com fins assistenciais, a M.P.F. promovia as chamadas *Embaixadas de Alegria e de Bondade* e os *Folares da Páscoa*. As primeiras realizavam-se no Natal e consistiam em visitas festivas a asilos, hospitais e creches. Os segundos tiveram o seu início posteriormente, no princípio dos anos 50 e efectuavam-se na altura da Páscoa, traduzindo-se em visitas a casas particulares e instituições de assistência, onde as filiadas ofereciam presentes e folares por elas próprias confeccionados⁽¹⁹⁾.

(17) Cf. S.P.N., M. P. F. — 25 Anos..., pp. 15-16. Na *Menina e Moça* encontramos referência a estas campanhas. Assim, o ano de 1948 teve como lema o amor a Portugal; 1949 fará, por seu turno, uma campanha em tomo do lema, "Amor ao Trabalho — serviço de Deus e da Pátria" ("Novo Ano. Nova Campanha", n.º 19, Nov. 1948, p. 8).

(18) Cf., por ex. *Menina e Moça*: "Campanhas da M.P.F.", n.º 69, Mar. 1953, p. 2 (Campanha missionária e de auxílio à Holanda); "Cruzeiros Floridos", n.º 86, Out. 1954, pp. 10-11 (movimento de solidariedade aos acontecimentos relacionados com os territórios portugueses na Índia).

(19) Cf. S.P.N., M. P. F. — 25 Anos..., pp. 21-22. Estas actividades são noticiadas pelo *Boletim da M.P.F.* (ver por ex.: "Embaixadas de Alegria e Bondade", n.º 66, Out. 1944, p. 5; "Embaixadas de Alegria e Bondade", n.º 69, Jan. 1945, pp. 4-5) e pela *Menina e Moça* (ver por ex.: "Notícias da M.P.F.", n.ºs 3-4, Jul.-Ago. 1947, p. 22; "Em Que Consiste o Folar dos Pobres?", n.º 35, Mar. 1950, p. 4). Note-se que na *Menina e Moça* surgem mesmo artigos onde se dão exemplos de objectos a fazer para este fim; ver por ex.: "Tara o Folar dos Pobres", n.º 56, Fev. 1952, p. 14.

A par destas actividades, e com a colaboração da O.M.E.N., a M.P.F. levava a efeito as celebrações da *Semana da Mfte* (de 8 a 14 de Dezembro), cujos objectivos eram os seguintes: "[...] lembrar a importância e a grandeza da missão maternal [...]; despertar nas raparigas [...] o desejo de serem, no futuro, as continuadoras da admirável tradição das mães portuguesas; reavivar, concentrando em torno da mãe, que é trave mestra da casa, o culto da família, base de toda a verdadeira educação, pedra angular de uma sociedade sã"⁽²⁰⁾. Dentro desta semana, o dia 8 de Dezembro merecia um destaque especial, nele se celebrando simultaneamente o dia da mãe e o culto da Imaculada Conceição, padroeira de Portugal e modelo por excelência, de todas as raparigas portuguesas. Por outro lado, no sentido de consciencializar as suas filiadas para os problemas sociais existentes e nelas despertar o espírito de caridade, a M.P.F. inaugurava neste mesmo dia 8 de Dezembro, as *Exposições de Berços e Enxovais*, cujo principal objectivo era o auxílio às mães e famílias mais necessitadas⁽²¹⁾.

O culto mariano assumiu particular expressão em 1954, ano em que se comemorou o centenário da proclamação do dogma da Imaculada Conceição. Neste contexto realizaram-se as chamadas *Assembleias Marianas*, missas campais, romagens a Vila Viçosa, a Fátima e a Lourdes, bem como toda uma série de actividades paralelas alusivas ao culto da Virgem (exposições, sessões de estudo, trabalhos manuais, monografias sobre santuários dedicados a Nossa Senhora, visitas aos pobres, etc.)⁽²²⁾.

Seguindo os passos da Organização, a imagem da Virgem Maria assumirá, tanto no *Boletim da M.P.F.*, como na *Menina e Moça*, uma importância decisiva. Efectivamente, em ambas as publicações,

O S.P.N., M. P. F. — 25 Anos..., p. 17.

⁽²¹⁾ *Idem, ibidem*, pp. 17-20. Destas actividades dão-nos conta ambas as publicações: ver por ex. *Boletim da M.P.F.*: M^a Joana Mendes Leal, "Recordando o Passado", n.º 7, Nov. 1939, pp. 8-9; A. D., "Exposições dos Berços da M.P.F.", n.º 33, Jan. 1942, pp. 4-5; ver também, por ex. *Menina e Moça*: "Berços e Ninhos", n.º 33, Jan. 1950, p. 2; "Notícias da M.P.F.", n.º 56, Fev. 1952, p. 20.

⁽²²⁾ A *Menina e Moça* noticiou em larga escala estas comemorações no seu n.º 83 (Jun. 1954) a 89 (Jan. 1955): veja-se em especial o n.º 85 (Set.), que lhe é inteiramente dedicado. O culto mariano encontrou expressão noutros momentos e sob outras formas. Para uma melhor panorâmica da questão veja-se, S.P.N., M. P. F — 25 Anos..., pp. 81-87.

a exaltação da fé passa em larga medida pela apologia do culto mariano. Maria é, por um lado, a moça, a esposa dedicada e a mãe modelar e corajosa, que não foge ao sacrifício de ter de entregar o filho para o bem e salvação da humanidade. Mas ela é simultaneamente a menina, que permanece sempre pura, cásta e simples, apesar da missão grandiosa para que foi eleita. Ninguém como ela concilia de forma tão perfeita e harmoniosa este ideal de *Menina e Moça* que se propõe a todas as raparigas. Por isso mesmo, ambas as publicações têm o seu primeiro número no mês de Maio, para que as leitoras o recebessem pela mão de Nossa Senhora⁽²³⁾.

Mas Maria é também a mãe protectora da pátria portuguesa, cuja história está intimamente ligada ao seu culto. Por tudo isto, ela deve ser venerada por todas as meninas, a quem as revistas aconselham a reza do terço e ao culto doméstico de Nossa Senhora⁽²⁴⁾.

A mulher eleita seria a que melhor conseguisse cumprir este ideal de *Menina e Moça* e para isso era necessário que reunisse todo um conjunto de virtudes morais e cristãs: a simplicidade e a humildade, a pureza e a castidade, o espírito de sacrifício, dedicação e trabalho. Sem estes predicados, pouco importava a sua aparência física, uma vez que só a sua beleza espiritual a tornaria verdadeiramente querida e desejada⁽²⁵⁾. Não obstante, o aspecto exte-

⁽²³⁾ Cf., por ex. *Boletim da M.P.F.*: Neves Monteiro, "Nossa Senhora Menina e Moça", n.º 49, Maio 1943, pp. 8-9; V.P., "As Sete Alegrias de nossa Senhora", n.º 85, Maio 1946, p. 10; ver também por ex. *Menina e Moça*: n.º 1, Maio 1947, pp. 2-3; "Maria Menina e Moça", n.º 48, Maio 1951, p. 5; "A Virgem Maria", n.ºs 7- 8, Jan. 1954, p. 5.

⁽²⁴⁾ Cf., por ex. *Boletim da M.P.F.*: Coccinelle, "Pela Paz do Mundo", n.º 30, Out. 1941, p. 7; n.º 37, Maio 1942 (totalmente dedicada a Nossa Senhora e aos ideais de que é modelo); "Hossana Rainha de Portugal", n.º 85, Maio, 1946, pp. 8-9; ver também por ex. *Menina e Moça*: S.J., "Mês de Maio. Mês de Maria", n.º 59, Maio 1952, p. 2; "Nossa Senhora na História de Portugal", n.º 83, Jun. 1954, pp. 17-18; "Maria no Lar", n.º 93, Maio 1955, p. 2.

⁽²⁵⁾ Cf., por ex. *Boletim da M.P.F.*: Maria Joana Mendes Leal, "O Teu Ideal", n.º 54, Out. 1943, p. 7; Coccinelle, "Raparigas Sérias—A Verdadeira Elegância", n.º 60, Abr. 1944, p. 5; ver também, por ex. *Menina e Moça*: Maria Margarida Craveiro Lopes dos Reis, "Compreender... Perdoar... Amar...", n.º 14, Jun. 1948, p. 14; ; Adriana Rodrigues, "Novos Contos da Carochinha", n.º 57, Mar. 1952, pp. 15 e 18; "Para ser Uma Verdadeira Mulher", n.º 78, Jan. 1954, p. 9; G.A., "Paula Carlatti, a Mulher Ideal — 1956", n.º 115, Mar. 1957, p. 3

rior da mulher revelava muito das sua beleza interior. Daí o recomendar-se constantemente às leitoras, a simplicidade e a modéstia, no vestir e no calçar, na forma de se pentear, no modo de ser e estar em sociedade, etc. Reprova-se o luxo e a extravagância, a arrogância e a vaidade, os artificialismos da maquilhagem, mas também o desalinho e o desmazelo⁽²⁶⁾.

Em suma, a beleza espiritual sobrepunha-se largamente à beleza física da mulher e ao seu aparato exterior, ainda que este não fosse desprezado. Por outro lado, as qualidades e as virtudes morais e cristãs que compunham essa beleza interior, eram na mulher predicados indispensáveis para o pleno e correcto desempenho da sua missão de esposa, mãe e doméstica. Sendo assim, para que nessas suas tarefas futuras, as meninas pudessem servir a Deus e à Pátria, era imprescindível que nelas se cultivassem essas mesmas qualidades e virtudes, que no seu conjunto formavam um ideal de que Maria era modelo por excelência — o ideal de *Menina e Moça*.

2. A formação nacionalista

Coincidindo com os propósitos da chamada "educação cívica"⁽²⁷⁾, a Formação Nacionalista tinha por objectivo incutir nas filiações da M.P.F., o amor da Pátria e o culto do Chefe.

Para que pudessem servir condignamente a nação portuguesa, era necessário dar-lhes a conhecer os seus costumes e tradições, as suas glórias passadas e a realidade presente, na qual Salazar era apontado como aquele que promovera a restauração económica, política e moral da pátria, reconduzindo-a agora ao engrandecimento e à sua providencial missão imperial e evangelizadora. Por outro lado, era também importante colocá-las ao corrente de certos aspectos da política externa portuguesa. Nomeadamente, destacavam-se os factos que no passado e no * 37

⁽²⁶⁾ Cf., por ex. *Boletim da M.P.F.*: Coccinelle, "Simplicidade", n.º 7, Nov. 1939, p. 6; Maria Benedita, "Asseio e Ordem. Factores de Beleza", n.º 83, Mar. 1946, p. 11; ver também, por ex. *Menina e Moça*: "Combate os teus defeitos", n.º 37, Maio 1950, p. 5; "Elegância e Bom Gosto", n.º 45, Fev. 1951, p. 14;

⁽²⁷⁾ Cf. Lopes Arriaga, *ob. cit.*, p. 143 (Art. 3.º do regulamento da M.P.F.).

presente, nos haviam merecido o respeito das outras nações e fazia-se vincar a grandeza de Portugal como estado corporativo, cujo "[...] nacionalismo, 'fugindo aos extremismos dum e doutro lado', se inspira nos sentimentos de amizade e respeito pelos outros povos sem prejuízo dos interesses nacionais [...]"⁽²⁸⁾. De acordo com estes objectivos, a M.P.R participava em toda uma série de festividades comemorativas de datas históricas ou de homenagem a figuras ilustres do nosso passado, assim como em manifestações de apoio e colaboração directa com o regime⁽²⁹⁾.

Paralelamente, promovia junto das suas filiadas, toda uma série de actividades, com as quais pretendia reavivar o gosto pelas nossas tradições e artesanato, zelando simultaneamente pela sua conservação. Destacamos as danças folclóricas; os trabalhos em cerâmica e outros trabalhos manuais (bordados, tapeçaria, trajes regionais, etc.), realizados nos Centros de Indústrias Regionais e expostos nos Salões de Educação Estética ou em exposições de âmbito mais vasto; a cozinha regional; a organização de álbuns de fotografias e gravuras alusivas às belezas naturais de Portugal e aos testemunhos do seu passado histórico (os monumentos); ou ainda a realização de pequenas monografias e visitas de estudo a museus e monumentos⁽³⁰⁾.

⁽²⁸⁾ Maria de Lourdes da Fonseca Ribeiro, "Formação Nacionalista", *Boletim da M.P.F.*, n.º 42, Out. 1942, p. 7. Sobre este aspecto veja-se, Maria Joana Emiliano de Almeida, *A Mocidade Portuguesa Feminina e o Ideário da Rapariga Portuguesa*, Lisboa, 1963, pp. 10-11.

⁽²⁹⁾ Cf. S.P.N., *M. P F — 25 Anos...*, pp. 25-31. O *Boletim da M.P.F* também noticia algumas dessas actividades: ver por ex.: M.J., "Recordando o Passado", n.º 2, Jun. 1939, pp. 8-9; "O Dia da Mocidade", n.º 9, Jan. 1940, pp. 8-9; "A M.P.F. nas Homenagens a Salazar", n.º 26, Jun. 1941, p. 5; "A Manifestação da Gratidão a Carmona e Salazar", n.º 74, Jun. 1945, pp. 8-9; ver também, por ex., "Presentes da M.P.F. a Sua Majestade a Rainha de Inglaterra", *Menina e Moça*, n.º 115, Mar. 1957, p. 4. Ainda deste âmbito, um destaque especial para o cruzeiro a África da M.P.F., amplamente noticiado pela *Menina e Moça*, desde o seu n.º 41 (Out. 1950) ao n.º 60 (Jun. 1952).

⁽³⁰⁾ Cf. S.P.N., *M. P F — 25 Anos...*, pp. 41-44; 47-48. Ambas as revistas em análise nos dão igualmente conta destas actividades ver por ex.: *Boletim da M.P.F.*: M.J., "Salão de Educação Estética da M.P.F.", n.º 2, Jun. 1939, pp. 4-5; Luís Chaves, "As Colchas de Castelo Branco", n.º 30, Out. 1941, pp. 8-9; "Centro Universitário de Lisboa", n.º 47, Mar. 1943, pp. 11 e 13; ver também por ex., *Menina e Moça*: "O XI Salão de Educação de Estética da M.P.", n.º 21, Jan. 1949, p. 14; "Danças e Canções Regionais", n.º 97, Set. 1955, p. 13.

De resto, a própria Organização pretendia vincar o seu carácter patriótico, tomando como padroeiras e "guias espirituais" a Rainha D. Amélia e D. Filipa de Lencastre⁽³¹⁾, elegendo como seu dia, o 1 de Dezembro, adoptando como suas, as bandeiras nacional e de D. João I, "glorificada em Aljubarrota", ou ainda através da simbolística dos seus guiões, insígnias e emblemas, onde os castelos e as quinas portuguesas constituíam motivos obrigatórios. As designações dadas aos vários escalões hierárquicos da M.P.F. e às formações por que agrupava as suas filiadas, o uniforme e a saudação que adoptou, bem como os seus hinos, são também eles, carregados de um acentuado tom nacionalista⁽³²⁾.

Vejamos agora como o *Boletim da M.P.F.* e a revista *Menina e Moça* transmitiam às suas leitoras este espírito de devoção à pátria.

É na primeira destas publicações, que o culto do Chefe aparece de uma forma mais expressa e notória. Salazar é aqui visto como o último dos santos-heróis, o "D. Nuno do Séc. XX que tirou Portugal do abismo". Ele é o redentor da pátria portuguesa, aquele que com a sua firmeza de carácter, "talento e inteligência", conseguiu repor a paz, a ordem e o bem-estar nacional, que o período de decadência da Primeira República havia feito desaparecer. Nos anos de guerra, a sua auréola de salvador é reforçada através de uma série de artigos que lhe agradecem o termo livrado da guerra⁽³³⁾. Por isso mesmo, não lhe são regateados os elogios rasgados à sua pessoa, fazendo-se a constante apologia dos valores e princípios propostos pelo regime que liderava⁽³⁴⁾.

Procurando tornar as suas leitoras mais portuguesas, as duas publicações em análise não se ficavam apenas pelo tentar incutir- * 28

(31) Refira-se também, que cada ala deveria escolher para sua própria padroeira, uma figura histórica, de preferência feminina, que se tivesse destacado "pelos serviços à Pátria e pelas virtudes morais". Ver Lopes Arriaga, *ob. cit.*, p. 144 (Art. 8º do regulamento da M.P.F.).

(") Cf. Lopes Arriaga, *ob. cit.*, pp. 142-151 (Art. 5º; Art.1 0º; Art. 14º; Art. 15º; Art. 17º). Veja-se também, S.P.N., M. P. F. — *Organização...*, pp. 14-23.

(33) Como que se procura mitificar a figura de Salazar, apresentando a sua protecção terrena, em paralelo e como complementar da protecção divina e celestial da Virgem Maria. Ver por ex.: "Salazar e a M.P.F.", *Boletim da M.P.F.*, nº 28, Ago. 1941, p. 16 (as citações foram retiradas deste artigo).

(M) As últimas páginas desta revista, que contam com a colaboração das filiadas, são particularmente ricas a este nível. Veja-se por ex. a p. 16 dos nº 16 (Ago. 1940); nº 18 (Out. 1940); nº 20 (Dez. 1940); nº 31 (Nov. 1941).

lhes o sentido de obediência e respeito pelo Chefe. Era também necessário levá-las à descoberta da riqueza imensa do "património lusitano, latino e cristão"⁽³⁵⁾. Neste sentido, surgem com uma certa frequência, artigos que falam das nossas lendas, costumes e tradições populares, das festas e romarias, das indústrias artesanais femininas, ou ainda acerca dos nossos pelourinhos e cruzeiros e demais monumentos nacionais⁽³⁶⁾. Dá-se a conhecer as diversas regiões portuguesas, nas suas paisagens e belezas naturais, com as suas gentes humildes e trabalhadoras. Procura-se em suma, transmitir uma imagem de um Portugal em que nitidamente perpassa a apologia e o culto do ruralismo, bem como da nossa vocação histórica marítima e colonial⁽³⁷⁾. * i

C⁵) Maria de Lourdes da Fonseca Ribeiro, "Formação Nacionalista", *Boletim da M.P.F.*, n.º 42, Out. 1942, p. 7.

i³⁶) Cf., por ex. *Boletim da M.P.F.*: M^a Rosa Guerreiro Gomes, "Mouras Encantadas — Lenda Algarvia", n.º 50, Jun. 1943, p. 16; Maria d'Eça, "Testas e Romarias", n.º 28, Ago. 1941, p. 4; Coccinelle, "Fogueiras de S. João", n.º 2, Jun. 1939, p. 14; "Trabalhos de Mãos — Bordado da Ilha de S. Miguel", n.º 25, Maio, 1941, p. 15; Padre Moreira das Neves, "Pelo Sinal da St^a Cruz", n.º 11, Mar. 1940, pp. 4-5; ver também por ex. *Menina e Moça*: Hortense César, "Cada Mês tem a sua História — Lenda de Fevereiro", n.º 45, Fev. 1951, p. 2; Maria Franco, "Usos e Costumes Portugueses", n.º 65, Nov. 1952, p. 13; Luís Chaves, "Giestas de Maio, Maio das Giestas", n.º 1, Maio 1947, p. 9; "Junho. O Mês dos Santos Populares", n.º 14, Jun. 1948, p. 2; Luís Chaves, "Alminhas", n.º 19, Nov. 1948, p. 9; "As Janeiras e os Reis", n.º 32, Dez. 1949, p. 9; M^a Antonieta de Lima Cruz, "A Música ao Longo da Nossa História — o Sineiro de Alcobaça", n.º 41, Out. 1950, p. 5; "Cruzeiros e Nichos — Padrões de Fé", n.º 73, Jul.-Ago. 1953, pp. 11 e 23; Luís Chaves, "Os Nossos Pelourinhos. Símbolos de Regalias Locais", n.º 117, Maio 1957, p. 20.

(³⁷) Cf., por ex. *Boletim da M.P.F.*: M^a Joana Mendes Leal, "Aldeias Portuguesas", n.º 17, Set. 1940, pp. 10-11; M^a Joana Mendes Leal, "Através da Serra da Estrela", n.º 46, Fev. 1943, pp. 4-5; "Alentejo", n.º 61, Maio 1944, pp. 8-9; Coccinelle, "Pescadores", n.º 29, Set. 1941, pp. 8-9; M^a Joana, "Beato João de Brito", n.º 19, Nov. 1940, pp. 10-11; Feliciano Soares, "Jardins do mar. A Madeira", n.º 45, Jan. 1943, p. 11; Bertha Leite, "A Expansão Portuguesa no Mundo", n.º 16, Ago. 1940, pp. 6-7; ver também, por ex. *Menina e Moça*: "Como Vive e Trabalha o Nosso Povo", n.ºs 15-16, Jul.-Ago. 1948, pp. 12-13; Laura Chaves, "Moinhos", n.º 18, Out. 1948, p. 2; "Portugal nas suas belezas artísticas e naturais", n.º 60, Jun. 1952, pp. 10-11; "Al-Gharb...Terra de Sonho e de Magia", n.º 84, Jul.-Ago. 1954, pp. 8 e 18; "O Mar", n.ºs 61-62, Jul.-Ago. 1952, p. 10; M. Sampaio Pimentel, "Pescadores", n.º 121, Out. 1957, p. 18.

Paralelamente, aconselha-se com certa insistência as visitas aos museus, uma vez que estas permitem alargar os horizontes do pensamento, espiritualizando a vida e inculcando o espírito patriótico pelo conhecimento do nosso passado glorioso⁽³⁸⁾.

Isto porém não bastava. Era necessário averiguar até que ponto a mensagem era recebida e interiorizada pelas leitoras e simultaneamente fazê-las tomar parte activa nesta tarefa de divulgação e propaganda dos valores nacionais. Neste contexto, são comuns os testes destinados a avaliar os conhecimentos das leitoras no que se refere às belezas naturais de Portugal, às suas tradições e passado histórico⁽³⁹⁾. Não faltam também os concursos que tendo idênticos objectivos, contemplam as melhores respostas com uma série de prémios, todos eles muito nacionais⁽⁴⁰⁾. A par disto pede-se a colaboração das leitoras, incentivando-as a que em tempo de férias fotografem o nosso Portugal e enviem os resultados para serem publicados⁽⁴¹⁾.

Como não poderia deixar de ser, a história merece aqui um destaque muito especial, constituindo também ela, um meio privilegiado de doutrinação⁽⁴²⁾. É sobretudo uma história centrada

^{f38)} Cf., por ex. *Boletim da M.P.F.*: João Couto, "Museus", n.º 1, Maio 1939, pp. 10-11; A.M.L., "Visitai os Museus!", *Boletim da n.º 46*, Fev. 1943, p. 7; ver também, por ex. *Menina e Moça*: "Educação Estética", n.º 51, Set. 1951, pp. 10-11; "Museu Nacional dos Coches", n.º 57, Mar. 1952, pp. 10-11.

⁽³⁹⁾ Estes testes são por norma constituídos por uma série de fotografias ou gravuras alusivas a Portugal (tradições, monumentos, figuras históricas, etc.), que se pede às leitoras para identificar. Ver por ex.: *Boletim da M.P.F.*: "Conheces Portugal", n.ºs 51-52, Jul.-Ago. 1943, pp. 12-13; "Monumentos e Trajes de Portugal", n.º 89, Set. 1946, pp. 4-5; ver também por ex., *Menina e Moça*: n.º 11, Mar. 1948, pp. 7-8.

^{f40)} Veja-se a título de ex., o concurso lançado pela *Menina e Moça* intitulado "Portugal", através do qual se interroga as leitoras acerca do seu patriotismo. Como prémios, artigos regionais, livros de história de Portugal; cópias de quadros célebres de pintores nacionais, etc. (n.º 6, Out. 1947, p. 9).

⁽⁴¹⁾ Cf., por ex. " regresso", *Menina e Moça*, n.º 30, Out. 1949, p. 5

^{f42)} Saliente-se que neste contexto, a omissão e a deturpação são frequentemente utilizadas, a ponto de por vezes converter a história em estória. Referiremos apenas dois exemplos, ambos retirados da *Menina e Moça* e a nosso ver bastante curiosos: o primeiro refere-se à história de amor entre uma princesa tupinambá e o português Diogo Alvares, o célebre " Carumuru". É um artigo muito interessante por alguns dos pontos que acaba por focar: o espírito

nas grandes figuras do passado, aquela que aqui nos é apresentada. Rainhas, santas e heroínas, encarnando as virtudes pátrias, são apontadas como modelos de acção e virtude a seguir por todas as meninas. A história torna-se assim mestra da vida, sendo-lhe conferido um carácter paradigmático e moralizador: através dos exemplos do passado, a história apresenta-lhes o ideal feminino a imitar, ao mesmo tempo que procura incutir e nelas cimentar, os princípios e valores tidos como fundamentais para o regime então vigente, que como futuras educadoras, seriam sem dúvida as primeiras a transmitir à geração seguinte.

Com estes objectivos, o *Boletim da M.P.F.* e a revista *Menina e Moça*, apresentam às suas filiadas um vasta galeria de personagens históricas, nacionais, mas também estrangeiras. Destas, apenas nos referiremos às femininas, uma vez que é sobretudo nelas, que as meninas podem e devem colher proveitosas lições para a sua vida futura. Como é óbvio, as atenções vão preferencialmente para as padroeiras da M.P.F, a Rainha D. Amélia, fundadora das Misericórdias (sobretudo pelo seu sentido de bondade e piedade) e de D. Filipa de Lencastre, mãe da ínclita geração (essencialmente pelas suas virtudes de mãe e esposa modelar). Idêntico destaque é curiosamente dado à princesa Santa Joana⁽⁴³⁾. Outras figuras femininas são porém aqui referidas, não só pelas suas virtudes

nacionalista, a apologia da fé cristã e a nossa missão civilizadora, o acatamento da superioridade branca e a amizade e aliança luso-brasileira. (Adriana Rodrigues, "Raparigas de Ontem. Mulheres de Sempre — Paraguassu, a Primeira Baiana", n° 5, Set. 1947, pp. 12-13); o segundo exemplo é-nos dado pelo n° 83, de Junho de 1954, p. 15, onde Maria de Carvalho, na sua rubrica habitual, "Leituras", aconselha vivamente, pelo seu espírito patriótico e cientificidade, a obra de Amália Proença Norte, *Raça Eterna*, em que a autora identifica a raça lusitana, nossa antepassada, com os sobreviventes da submersão da Atlântida.

⁽⁴³⁾ Cf., por ex. *Boletim da M.P.F.*: Teresa Leitão de Barros, "Rainha D. Leonor. Rainha de Portugal", n° 2, Jun. 1939, pp. 6-7; ver também por ex. *Menina e Moça*: Ester Gaspar Soeiro e Sá, "O Perfil de Uma Grande Mulher", n° 9, Jan. 1948, p. 4; Fernando da S. Correia, "Rainha D. Leonor. Quem foi a Rainha D. Leonor?", n° 35, Mar. 1950, pp. 10-11; M^a José António de Sucena, "A Princesa do Vouga", n° 2, Jun. 1947, p. 2; Virgínia Motta, "St^a Joana de Portugal — 1452-1490", n° 75, Out. 1953, p. 9.

familiares, mas também pelo sua bondade, coragem e patriotismo⁽⁴⁴⁾.

Finalmente, será ainda de referir que de acordo com a orientação política externa do Estado Novo, procura-se desenvolver e cimentar junto das leitoras o sentimento de simpatia e amizade com o Brasil, Espanha e Inglaterra ⁽⁴⁵⁾.

Concluindo, proporcionando às suas leitoras um melhor conhecimento de Portugal, no seu passado e presente, ambas as publicações procuravam despertar nelas o amor pela pátria e o desejo de a servir, incutindo-lhes simultaneamente, através dos exemplos do passado, as virtudes necessárias para o correcto desempenho do papel que lhes estava reservado na renovação e engrandecimento da nação portuguesa.

3. A formação familiar e doméstica

Célula base da sociedade, a Família assumia uma importância decisiva no contexto estadonovista: famílias sãs, felizes, unidas e disciplinadas, seriam sinónimo de uma nação forte, coesa, obediente e submissa aos seus governantes. *²⁰

f⁴⁴) Os exemplos são inúmeros. Ver por ex. *Boletim da M.P.F.*: M^a Joana Mendes Leal, "A Mulher na História de Portugal", n^o 22, Fev. 1941, p. 11; M^a Isabel da Quinta, "Colaboração das Filiadas — Almas de Eleição... Exemplos a Seguir", n^o 29, Set. 1941, p. 16; Francisca de Assis, "Fanny Mendelssohn", n^o 47, Mar. 1943, pp. 8-9; ver também, por ex. *Menina e Moça*: Tio Quim, "St^a Teresa de Lisieux", n^o 25, Maio 1949, pp. 6-7; G.A., "Perfis — A Condessa de Ségur", n^o 35, Mar. 1950, p. 3; M^a Estrela Monteiro, "Inês de Castro. Inspiradora da Arte Portuguesa", n^o 44, Jan. 1951, p. 6; "Três Retratos", n^o 78, Jan. 1954, p. 7; Teresa Leitão de Barros, "Heroínas de Dio", n^o 86, Out. 1954, pp. 4 e 20.

f⁴⁵) Cf., por ex.: "Raparigas de Ontem. Mulheres de Sempre", *Menina e Moça*, n^o 5, Set. 1947, pp. 12-13; "Pilar Primo de Riviera", *Boletim da M.P.F.*, n^o 20, Dez. 1940, p. 10; "A Visita do Chefe de Estado a Londres", n^o 99, *Menina e Moça*, Nov. 1955, pp. 10-11. Saliente-se que a aliança luso-britânica é indiscutivelmente aquela a que é dado maior destaque, sendo frequentes os artigos sobre a família real, incidindo muito particularmente sobre a figura de Isabel de Inglaterra, por quem as revistas nutrem uma clara simpatia. Ver por ex. *Boletim da M.P.F.*: M^a d'Eça, "Duas Princezinhas", n^o 22, Fev. 1941, p. 10; "A Noção de Dever", n^o 74, Jun. 1944, p. 12; ver também, por ex. *Menina e Moça*: "História de Uma Menina Que é Rainha", n^o 58, Abr. 1952, pp. 10-11; "Deus Salve a Rainha", n^o 114, Fev. 1957, p. 3.

A reconstrução da sociedade passava pois pela restauração da família tradicional portuguesa, onde a mulher desempenhava, sem dúvida, um papel central como mãe e educadora das futuras gerações. Ao contrário do homem, a quem competia o sustento e a chefia familiar, a mulher devia permanecer em casa, cuidando e orientando as tarefas domésticas e zelando pela boa educação dos filhos.

Promovendo junto das filiadas o culto da Família, a M.P.F. visava pois, preparar a rapariga portuguesa para o papel e missão que a sociedade de então lhe reservava: "[...] ser boa esposa, boa mãe, capaz de criar e educar os seus filhos e manter elevado o nível da família portuguesa"⁽⁴⁶⁾. Para isso, era preciso formá-la moralmente, no culto das chamadas "[...] virtudes especificamente femininas — pureza de vida, dignidade e aprumo de conduta, espírito de sacrifício, fortaleza de alma[...]" e paralelamente, fornecer-lhe um ensino prático, através de toda uma série de actividades, que eram distribuídas pelas filiadas de acordo com a sua idade e preparação intelectual: Lavoros Femininos; Enfermagem e Primeiros Socorros; Indústrias Caseiras (jardinagem, horticultura, criação de animais, conservas, etc.); Culinária; Corte e Costura; Puericultura; Psicologia Infantil e Pedagogia⁽⁴⁷⁾.

Obedecendo a estes princípios, o *Boletim da Mocidade Portuguesa Feminina* e a revista *Menina e Moça* proporcionavam um vasto leque de artigos destinados à formação familiar e doméstica das suas leitoras. Logo no seu primeiro número, na rubrica "O Lar", que dedicava a estas questões, o *Boletim da M.P.F.* diz o seguinte: "A vida de família — para ser feliz— tem mil exigências: pede-nos virtudes morais e conhecimentos domésticos, bom gosto e bom senso, qualidades de ministro de finanças e até de ministro de educação [...]"⁽⁴⁸⁾. Assim, era necessário que a preparação para a vida familiar e doméstica começasse desde logo e é nesse sentido que a *Menina e Moça* aconselha as suas leitoras a serem obedientes e respeitosas para com os pais e pessoas mais velhas, delicadas para com os subordinados, enfim, meninas aprumadas, arrumadas e

⁴⁶⁾ S.P.N., *M. P. F. — Organização...*, pp. 5-6.

⁴⁷⁾ Cf. S.P.N., *M. P. F. — 25 Anos...*, p. 39; ver também por ex. *Boletim da M.P.F.*: "Curso de Graduadas", n.º 15, Jul. 1940, pp. 8-9; "Curso de Donas de Casa", n.º 70, Fev. 1945, pp. 4-5.

⁴⁸⁾ "O Lar — Espírito de Família", *Boletim da M.P.F.*, n.º 1, 1939, p. 7.

sempre prontas a ajudar a mãe com os manos mais novos e nas tarefas domésticas, a fim de se treinarem para a sua missão futura, de esposas e mães dedicadas⁽⁴⁹⁾.

Toda a sua educação e preparação girava em torno desta missão. O casamento era a meta desejável e o fim último da mulher, mas para o merecer era preciso que ela fosse sensata, casta e recatada nas relações com os rapazes. O namoro era visto como a preparação para o casamento (claro está, dentro dos limites puramente espirituais) e só como tal fazia sentido e era social e moralmente aceite⁽⁵⁰⁾.

No casamento, o amor era importante, mas o laço conjugal só se consolidaria com os filhos, tornando-se tanto mais forte e indissolúvel quanto maior fosse o seu número. Contudo, para que o sucesso matrimonial fosse pleno, era imprescindível zelar pela tranquilidade e bem-estar do marido, o que dependia em larga medida das qualidades e eficácia da mulher na educação dos filhos e no governo da casa⁽⁵¹⁾. Daí que sejam frequentes os artigos que ensinam e aconselham as meninas em relação às mais variadas tarefas domésticas (limpezas, decoração, cozinha, costura, tricô, bordados, jardinagem, criação de animais, etc.), bem como ao seu futuro relacionamento com os filhos⁽⁵²⁾. (*)

(*) Cf., por ex. *Menina e Moça*: "A Mãe está doente... Quem tratará do bebé?", n.ºs 3-4, Jul.-Ago. 1947, p. 8; "Serás tu uma boa filha?", n.º 10, Fev. 1948, pp. 10-11; Adriana Rodrigues, "Novos Contos da Carochinha", n.º 17, Set. 1948, p. 13; "Serás como alguma destas?", n.º 52, Out. 1951, p. 20; "Jantar de Festa", n.º 57, Mar. 1952, p. 8.

⁽⁵⁰⁾ Cf., por ex. *Menina e Moça*: Adriana Rodrigues, "Contos da Carochinha — Reuniões em Férias", n.º 5, Set. 1947, p. 14; Maria Franco, "Carta a uma Rapariga", n.º 38, Jun. 1950, p. 5; Maria Margarida Craveiro Lopes dos Reis, "Uma pergunta para ti... enquanto ele não chega", n.º 49, Jun. 1951, p. 8; Maria Franco, "Carta a Uma Rapariga", n.º 79, Fev. 1954, p. 17.

⁽⁵¹⁾ Cf., por ex. "Maria Vai Casar", *Boletim da M.P.F.*, n.º 57, Jan. 1944, p. 15; ver também por ex. *Menina e Moça*: Coccinelle, "Que ideia fazes do casamento?", n.º 11, Mar. 1948, p. 6; "Recortes", n.º 23, Mar. 1949, p. 7; Adriana Rodrigues, "Novos Contos da Carochinha — Um Marido Ideal", n.º 80, Mar. 1954, p. 18.

⁽⁵²⁾ Cf., por ex. *Boletim da M.P.F.*: "O Lar", n.º 2, Jun. 1939, p. 15; Francisca de Assis, "O Lar — Pombos", n.º 39, Jul. 1942, p. 12; M.B., "Noivas", n.º 85, Maio 1946, p. 13; ver também por ex. *Menina e Moça*: M. B., "Casas de Verão", n.ºs 3-4, Jul.-Ago. 1947, p. 19; "De Tudo Um Pouco", n.º 7, Nov. 1947, p. 18; "O Lar ABC da Dona de Casa", n.º 34, Fev. 1950, p. 13; "O Que os Filhos Pensam dos Pais", n.º 102, Fev. 1956, p. 6.

De facto, era à mulher que cabia fazer da casa o lar aconchegador onde a família crescesse feliz e em harmonia. E é nesse sentido que se procura orientar as preferências das leitoras para a escolha da casa ninho, a casa tipicamente portuguesa, distante dos ares poluídos e corruptos da cidade, onde o modelo a seguir era o da Sagrada Família⁽⁵³⁾. A mulher devia ser casta, humilde e trabalhadora, mantendo-se ordenada e disciplinada nas suas tarefas. O espírito de poupança era um atributo considerado indispensável na mulher, ainda que sem cair na mesquinhez e avareza, sobretudo para com os mais necessitados, em relação aos quais se devia mostrar sempre caridosa⁽⁵⁴⁾.

Como esposa e mãe, era-lhe pedido que fosse obediente, leal, dócil, carinhosa, vigilante, providente, enfim, disposta a tudo sacrificar para garantia do bem-estar familiar. A sua vida deveria ser de entrega total ao serviço dos filhos⁽⁵⁵⁾. Ser boa mãe e educadora era a sua principal missão e por isso procurava-se despertar nas leitoras o instinto maternal, apontando-lhe as lições que a Mãe Natureza oferecia⁽⁵⁶⁾.

⁽⁵³⁾ Cf., por ex. *Boletim da M.P.F.*: n.º 45, Jan. 1943 — M^a Joana Mendes Leal, "A Sagrada Família" (p. 5); Coccinelle, "O Verdadeiro Lar" (p. 12); ver também por ex. *Menina e Moça*: "Respostas ao concurso: 'Colmeia Humana ou Ninho'", n.ºs 3-4, Jul.-Ago. 1947, p. 8; Adriana Rodrigues, "Novos Contos da Carochinha — Minha Casa, Minha Casinha", n.º 70, Abr. 1953, p. 12; M^a M. Craveiro Lopes dos Reis, "Uma Estrela te Aponta o Caminho", n.º 8, Dez. 1947, p. 20.

⁽⁵⁴⁾ Cf., por ex. *Boletim da M.P.F.*: "O Lar — Qualidades Domésticas: Ordem e Método", n.º 30, Out. 1941, p. 14; "Poupança", n.º 60, Abr. 1944, pp. 8-9; ver também por ex. *Menina e Moça*: "De Tudo Um Pouco — O que pensava Ramalho Ortigão da educação feminina", n.º 9, Jan. 1948, p. 2; "Sabes Fazer Compras?", n.º 11, Mar. 1948, p. 19; "Os Benefícios da Ordem", n.º 56, Fev. 1952, p. 18.

⁽⁵⁵⁾ Cf., por ex. Adriana Rodrigues, "Novos Contos da Carochinha", *Menina e Moça*, n.º 20, Dez. 1948, p. 16; "A Mulher Ideal", n.º 92, Abr. 1955, p. 13.

⁽⁵⁶⁾ Cf., por ex. "Mãe e Bêbê", *Menina e Moça*, n.º 59, Maio 1952, pp. 10-11. Para além das lições da natureza, a revista recorria com frequência às lições do passado, indo mesmo buscar exemplos à Antiguidade para orientar as meninas na sua vida futura — Náusica modelo de simplicidade e espírito de trabalho (Adriana Rodrigues, "A Princesa Lavadeira", n.º 78, Jan. 1954, p. 18); Penélope, símbolo de fidelidade e esposa dedicada ("Sabes o Que Representa Este Quadro?", n.º 12, Abr. 1948, p. 17); Aspásia, exemplo de esposa companheira e colaboradora ("Conversas", n.º 18, Out. 1948, p. 17). Veja-se também, os artigos da autoria de Coccinelle, intitulados "A Família na Antiguidade": "Egipto" (n.º 12, Abr. 1948, pp. 10-11); "Grécia" (n.º 93, Maio 1955, pp. 10-11); "Roma" (n.º 101, Jan. 1956, pp. 10-11 e 18).

Em suma: casar, ter filhos e educá-los de modo a construir uma sociedade cada vez mais sã, eis o projecto fundamental proposto pela formação familiar e doméstica.

4. A educação física

O desenvolvimento da capacidade física é outro dos pontos previstos no regulamento da M.P.F., que no seu art. 4º a ele se refere nos seguintes termos: "A educação física, sempre associada à higiene, visará o fortalecimento nacional, a correcção e a defesa do organismo, tanto como a disciplina da vontade, a confiança no esforço próprio, a lealdade e a alegria sã, mediante actividades rigorosamente adequadas ao sexo e à idade"⁽⁵⁷⁾.

As preocupações com a higiene e a saúde, a moral e o culto da ordem, disciplina e obediência, andarão, por conseguinte, sempre associados à prática desportiva no seio da M.P.F. Além disso, havia também que seleccionar as modalidades desportivas de forma a respeitar a feminilidade das praticantes e a não prejudicar a principal missão para que estavam reservadas — a maternidade. Neste sentido se pronuncia, em 1940, o ministro Carneiro Pacheco, aquando da apresentação da proposta de lei para a criação do Instituto Nacional de Educação Física⁽⁵⁸⁾, dizendo que a mulher deve "[...] ser defendida dos grandes esforços musculares do atletismo, masculinizadores, aberração feminista repelida pela delicadeza do sexo e pela natural função de futura mãe e educadora, mas que, por esta mesma sagrada missão, deve cuidar da sua valorização física, como condição de saúde e de sã alegria, por exercícios ginásticos de técnica adequada que nenhum disfarce ou

⁽⁵⁷⁾ Lopes Arriaga, *ob. cit.*, p. 142.

⁽⁵⁸⁾ Fundado em 1940, o I.N.E.F. visava a formação de quadros de professores que suprissem as necessidades sentidas a este nível nas escolas e clubes, bem no seio da M.P. e da M.P.F., organizações com as quais se manteve, de resto, sempre em estreita cooperação. A sua criação foi antecedida dois anos antes (1938), pela fundação da *Escola de Instrutoras de Educação Física da M.P.F.*, cuja direcção foi confiada à sueca Ingrid Ryberg, contratada pelo Comissariado da M.P.F. para organizar os primeiros cursos para instrutoras de Educação Física. Sobre o assunto veja-se Manuel Brito, "A Cultura Física e o Desporto. O Fascismo e a Mulher", *O Professor*, n.ºs 42-43, Jul.-Ago. 1982, pp. 9-10; 24-25; ver também, S.P.N., *M. P. F. — 25 Anos...*, pp. 69-70.

produto de beleza pode suprir para a graça feminina"⁽⁵⁹⁾. Daí que em conformidade com esta posição, o artigo acima citado acrescenta ainda o seguinte: "Serão excluídas as competições ou exibições de índole atlética, os desportos prejudiciais à missão natural da mulher e tudo o que possa ofender a delicadeza do pudor feminino"⁽⁶⁰⁾. Assim, a par da ginástica e dos jogos, eram consideradas modalidades da educação física, as danças rítmicas (apenas para as filiadas mais novas), as danças regionais e o campismo⁽⁶¹⁾.

Mas na M.P.F., a função do desporto não se ficava naturalmente pelo ajudar a crescer de forma saudável as futuras "mamãs" de Portugal. O "fortalecimento nacional" a que se propunha a educação física teve ainda uma segunda face, que foi a de contribuir para a imagem de ordem e sã prosperidade que o regime procurava dar de si. Neste sentido, a actividade desportiva da M.P.F., surgirá associada a comemorações de datas festivas, como por exemplo, o Festival da Juventude, realizado a 10 de Junho, *Dia da Raça*, onde era dado um lugar de destaque às demonstrações de ginástica, às danças rítmicas e às danças regionais. Estas últimas de resto, eram por norma ponto obrigatório do programa de actividades das filiadas, nas festas da Organização e nos certames e congressos em que participavam, a nível nacional e internacional, bem como nas visitas que efectuavam ao estrangeiro⁽⁶²⁾. Representando Portugal, a M.P.F. esteve também presente em campeonatos internacionais juvenis de voleibol, basquetebol e natação e em festivais desportivos⁽⁶³⁾.

O papel atribuído ao desporto feminino pelo *Boletim da M.P.F.* e pela *Menina e Moça*, é naturalmente coincidente com o que atrás se disse. Num dos vários artigos que dedica aos desportos, o *Boletim*

(59) Proposta de lei apresentada à Assembleia Nacional por S. Ex. o Ministro Prof. Doutor Carneiro Pacheco para a criação do I.N.E.F., in *Boletim do I.N.E.F.*, n.º 1, 1940, citado em, Manuel Brito, art. cit., p. 9.

(60) Lopes Arriaga, *ob. cit.*, p. 142.

(61) S.P.N., *M. P. F. — 25 Anos...*, pp. 44-45.

⁽⁶²⁾ Cf. *idem, ibidem*, pp. 45-46. Disto também nos dá conta a *Menina e Moça*, noticiando alguns destes acontecimentos; ver por ex.: "Notícias da M.P.F. — Congresso Europeu da F.I.G.L.", n.º 5, Set. 1947, p. 7; "Comemorações do 20.º Aniversário da M.P.F.", n.º 119, Jul.-Ago. 1957, pp. 12-13.

O Integrada na F.I.S.E.C. (Federação Internacional Desportiva do Ensino Católico), a M.P.F. participará em realizações desportivas deste género a partir de 1959; ver S.P.N., *M. P. F. — 25 Anos...*, p. 45.

da *M.P.F.* começa por enumerar as vantagens resultantes para toda a jovem que os pratique: "Desenvolvem-lhe o corpo e mantêm a 'linha'. Dão-lhe elegância e precisão nos movimentos, e resistência física". O exercício é pois a alternativa desejável às "dietas perigosas". Mas que tipo de exercícios? Em primeiro lugar os que se prendem com as suas tarefas diárias decorrentes da sua missão de mãe, filha ou irmã: "A marcha, por exemplo. Que bom andar de manhã ao sol empurrando o carrinho do bebé! E correr? Correr com os manos pequenos ao ar livre; jogar com eles, ensiná-los a gostar do exercício [...]"⁽⁶⁴⁾.

Claro está que nem a prática desportiva feminina se reduzia a este género de actividades, nem tão pouco o seu fim era o de exclusivamente permitir um correcto e saudável desenvolvimento físico das jovens. Outros desportos são aconselhados, chamando-se a atenção para os benefícios resultantes da sua prática ao nível do desenvolvimento moral. A equitação, a esgrima, o voleibol, o basquetebol, o ténis, a natação, o ciclismo, a patinagem e a marcha, são alguns dos desportos apontados como física e moralmente salutares, e ainda que alguns deles, como a equitação e a esgrima, sejam mais dispendiosos⁽⁶⁵⁾ e por isso inacessíveis para muitas raparigas, outros há, como os cinco últimos referidos, que estão ao alcance da maioria delas, podendo ser praticados pela generalidade das meninas. Sempre porém, com o cuidado de não se cair em excessos que resultassem na masculinização do corpo feminino, através do desenvolvimento muscular⁽⁶⁶⁾.

^{f64)} Maria Benedita, "Desportos. Elasticidade, Resistência, Saúde e Beleza do Corpo", *B.M.P.F.*, n.ºs 75-76, Jul.-Ago. 1945, p. 7.

^(ffi) Note-se que em ambas as revistas analisadas, há uma preferência clara pelos desportos de elite, apenas ao alcance das camadas mais abastadas. Assim, embora se reconheça como dispendiosa e por isso mesmo inacessível para a maioria das jovens, a equitação é sem dúvida a modalidade eleita, incidindo sobre ela muitos dos artigos dedicados ao desporto; ver por ex., *Boletim da M.P.F.*: Coccinelle, "A Equitação", n.º 18, Out. 1940, p. 11; António Mendes Leal, "Modernas Amazonas", n.º 96, Abr. 1947, p. 11; *Menina e Moça*: Maria Estrela Monteiro, "A Rapariga de Hoje e a Equitação", n.º 24, Abr. 1949, p. 9; *idem*, "Actualidades Desportivas — Tem a Palavra uma Jovem Campeã", n.ºs 61-62, Jul.-Ago. 1952, p. 6.

^(**) Cf. Maria Benedita, "Desportos. Elasticidade, Resistência, Saúde e Beleza do Corpo", *BM.P.F.*, n.ºs 75-76, Jul.-Ago. 1945, p. 7.

O desporto deveria, por conseguinte, concorrer para o desenvolvimento físico e moral das meninas, sem nunca pôr em risco a natural graça feminina que se pretendia que mantivessem. A este nível são particularmente elucidativos alguns dos artigos da *Menina e Moça*, a cargo de João Mendes Leal, em que num tom de aprovação e irónica condescendência, face à natural e muito feminina aselhice das meninas no que concerne à prática desportiva, este elogia certas modalidades, como o ténis e a patinagem, pelo facto de realçarem da forma mais adequada e harmoniosa, toda a graça e encanto característico da mulher⁽⁶⁷⁾.

Pelo que foi dito, podemos pois concluir, que no seio da M.P.F. a prática desportiva, à semelhança das outras actividades por aquela realizadas, estava também ela subjugada e posta ao serviço do regime e do ideal feminino por ele proposto.

5. *Estudo e cultura*

Visando a formação integral da jovem portuguesa, a M.P.F. não esquecia a sua preparação intelectual⁽⁶⁸⁾.

Com este propósito, organizava excursões e visitas de estudo para as suas filiadas em geral⁽⁶⁹⁾ e promovia o intercâmbio cultural

⁽⁶⁷⁾ Não resistimos aqui a transcrever algo do que sobre as duas modalidades referidas é dito. Assim, do ténis, diz-se que "[...] tem sobejas atracções para as raparigas. É um jogo onde a graciosidade dos lances se sucede, onde é preciso correr, saltar e onde os parceiros são, na sua generalidade suficientemente cavalheirescos para com um sorriso desculparem alguma jogada menos perfeita, ou algum falhanço mais espectacular." (João António Mendes Leal, "Numa Manhã de Domingo", *Menina e Moça*, n.ºs 3-4, Jun.-Ago. 1947, p. 4); Por seu turno, a patinagem "[...] conjuga-se de facto maravilhosamente com a leveza e encanto que todas as raparigas potencialmente possuem" e por isso é igualmente aconselhada. (*Idem*, "Sobre as Rodas dos Patins...", *Menina e Moça*, n.º 2, Jun. 1947, p. 9).

ⁱ⁶⁸⁾ Sob a designação de *Cultura de Espírito*, a formação intelectual das filiadas da M.P.F., era um dos fins a que esta organização se propunha, logo no Art.1.º do seu regulamento; ver Lopes Arriaga, *ob. cit.*, p. 141.

⁽⁶⁹⁾ Cf. S.P.N., M. R E — *Organização...*, p. 44. As revistas em análise também noticiam algumas destas "visitas culturais": ver por ex.: "Centro Universitário de Lisboa", *Boletim da M.P.F.*, n.º 47, Mar. 1943, pp. 11 e 13; "Notícias da M.P.F.", *Menina e Moça*, n.º 64, Out. 1952, pp. 14-15.

entre as filiadas universitárias e jovens de outros países, acolhendo as visitas destas e organizando viagens ao estrangeiro para aquelas⁽⁷⁰⁾.

Nos centros universitários, as filiadas podiam frequentar os cursos de Filosofia, História da Arte, Literatura, Línguas vivas, etc. que lhe eram paralelamente facultados aos seus cursos universitários⁽⁷¹⁾. A par disto, a M.P.F. organizava bibliotecas nos seus centros e casas de férias e incitava à leitura de livros que criteriosamente seleccionava⁽⁷²⁾, tendo ela própria uma série de publicações periódicas, destinadas a formar a rapariga portuguesa⁽⁷³⁾.

Prestava também assistência escolar em termos de pagamento de propinas, refeições e livros, ao mesmo tempo que concedia bolsas de estudo ao nível do ensino primário, liceal e universitário, às filiadas mais necessitadas, dando preferência às órfãs de pai e às filhas de famílias numerosas⁽⁷⁴⁾.

A sua formação era a este nível completada pela chamada "Iniciação Artística", que compreendia, entre outras actividades, a realização dos já referidos Salões de Educação Estética, a iniciação musical (canto coral, popular e litúrgico, algumas noções de música e de história da música e aprendizagem de danças folclóricas) e o teatro, entendido como "[...] um exercício de faculdades artísticas e intelectuais, uma lição viva e directa de alcance moral e estético"⁽⁷⁵⁾. *1

(TM) Cf. S.P.N., M. P. P. — 25 Anos..., pp. 61-63. Deste intercâmbio nos dão também conta o *Boletim da M.P.F.* (ver por ex. "As Falangistas em Lisboa", n.º 6, Out. 1939, pp. 4-5) e a *Menina e Moça* (ver por ex., n.º 7, Nov. 1947: "Visita das Universitárias a Portugal", pp. 4-5; M^a Ester Garcia de Lemos, "Universitárias Portuguesas em Espanha", pp. 10-11; "Universitárias da M.P.F. na Inglaterra e na Itália", n.º 110, Out. 1956, p. 2; "Campo de Férias em Inglaterra", n.º 114, Fev. 1957, pp. 16-17).

H Cf. S.P.N., M. P. F. — 25 Anos..., p. 50.

I⁷²) Cf. S.P.N., M. P. P. — *Organização...*, pp. 45-46. Note-se também, que a M.P.F. publicava listas de livros recomendáveis. Ver por ex., Mocidade Portuguesa Feminina, *Ler para crescer. Lista dos Livros seleccionados*, Lisboa, M.P.F., Abril 1968-69.

I⁷³) Cf. lista dessas publicações em anexo.

H Cf. S.P.N., M. P. P. — 25 Anos..., pp. 57-58.

I⁷⁵) Para mais informações sobre este assunto, ver S.P.N., M. P. F. — 25 Anos..., pp. 48-49.

Obedecendo a estes princípios, a Menina e Moça ideal devia ser estudante dedicada e interessada pela cultura. Assim, a revista *Menina e Moça* incentiva ao trabalho intelectual, dando conselhos às estudantes que queiram ser aplicadas e bem sucedidas nos seus estudos e lembrando que o trabalho e a humildade são qualidades sempre recompensadas⁽⁷⁶⁾. Em época de exames, recomenda-se lealdade e o não recurso à cábula, estimulando-se mesmo a denúncia de quem tal faça⁽⁷⁷⁾. Paralelamente, recorda-se às meninas que embora o estudo seja importante, é necessário estar atenta a outras coisas, como o manter-se limpa e arranjada, não recorrendo a drogas durante este período⁽⁷⁸⁾.

Todavia, a formação intelectual não se devia limitar à aprendizagem obtida a nível escolar e por isso as visitas de estudo e as excursões são vivamente aconselhadas pelo "[...] precioso auxiliar de higiene física e educação mental e moral" que estas actividades constituent⁽⁷⁹⁾.

Do mesmo modo, procura-se cultivar junto das leitoras o gosto e o interesse pela arte, literatura e ciência. Neste sentido e começando por esta última, através da sua rubrica habitual, "Migalhas de Ciência", da autoria de J.C., a revista *Menina e Moça* instrua as meninas acerca dos progressos da humanidade e descobertas científicas, sobre a vida e contributo de alguns homens da ciência, bem como sobre os mistérios, maravilhas e lições da natureza⁽⁸⁰⁾. Claro está que nestes artigos, ao carácter "científico" se aliam os intuitos moralizantes e doutrinadores, que constituem de resto, uma presença constante em toda a revista.

Paralelamente, a *Menina e Moça* confere uma grande importância à literatura. As leituras são algo de recomendável, * (*)

(76) M. M. Craveiro Lopes dos Reis, "Em Frente do teu lar... da Vida que Deus te Apontar", *Menina e Moça*, nº 2, Jun. 1947, p. 18.

(77) G. A., "Exames à Porta...", *Menina e Moça*, nº 14, Jun. 1948, p. 3.

(78) "Exames", *Menina e Moça*, nº 83, Jun. 1954, p. 9.

(79) V, "Excursões e Visitas de Estudos", *Boletim da M.P.F.*, nº 61, Maio 1944, p.4.

(*) Cf. por ex. *Menina e Moça*: "Do Microscópio Óptico ao Microscópio Electrónico", nº 5, Set. 1947, pp. 9 e 15; "O Fogo na Vida Humana", nº 40, Set. 1950, p. 4; "Pasteur", nº 10, Fev. 1948, p. 9; "Lineu", nº 59, Maio 1952, p. 9; "Cuvier", nº 74, Set. 1953, p. 16; "O Mundo das Estrelas", nº 48, Maio 1951, p. 4; "O Castor", nº 64, Out. 1952, p. 8; "Guano", nº 67, Jan. 1953, p. 6.

mesmo em tempo de férias. Todavia, há que ter em conta que nem todos os livros são bons e por isso convém seleccionar. Neste sentido, a *Menina e Moça* recomenda às suas leitoras aquilo que não devem ler: "Não deves ler, quer estejam ou não proibidos, os livros que atacam a religião ou os bons costumes; os livros que ensinam ou recomendam o espiritismo ou qualquer género de superstição; os livros que aprovam o suicídio ou o divórcio; os livros que tratam matérias obscenas.[...] Se a leitura dum livro te perturbar, ameaçando deformar a tua mentalidade cristã ou corromper a tua virtude, não tenhas o tolo orgulho de dizer a ti mesma e aos outros: 'a mim, nenhuma leitura faz maT. [...] Só dá boa ideia de si a rapariga que põe um livro de lado, defendendo a paz e a pureza da alma"⁽⁸¹⁾.

O *Boletim da M.P.F.* também se pronuncia a este nível dizendo: "Pensa-se, pensam em geral as raparigas que se pode ler tudo, ou antes, que para se ser moderno 'à la page' século XX, é necessário ler tudo. Por isso lê-se tudo, bom e mau, útil e frívolo. Nas mãos de muitas raparigas, anda a literatura mais oca, mais fútil que a imaginação gasta de romancistas baratos pode conceber e realizar.[...] Postos de parte os livros que são nitidamente maus, que atacam abertamente ou com hipocrisia as velhas ideias de moral, de justiça, de dever e os que desorientam e perturbam a nossa imaginação de raparigas, fica-nos ainda uma riqueza imensa de que sem escrúpulos nem receio podemos aproveitar-nos"⁽⁸²⁾.

Em concordância com estes propósitos, através da rubrica "Leituras", a cargo de Maria de Carvalho, a *Menina e Moça* recomenda todos os meses, um ou mais livros que considera de leitura desejável, fazendo um pequeno resumo dos seus conteúdos, pois deste modo, lendo-os ou não, as meninas eram à mesma enriquecidas pelas proveitosas lições que continham⁽⁸³⁾.

As artes plásticas, a música, o teatro e mesmo a sétima arte, também não são esquecidas. A arte, da rupestre à moderna, nacional

(81) "Leituras de Férias", *Menina e Moça*, n.º 119, Jul.-Ago. 1957, p. 15.

(82) Maria Helena, "A Melhor Leitura de Férias", *Boletim da M.P.F.*, n.º 27, Jul. 1941, p. 5.

(83) Os géneros recomendados eram variados, mas sempre ao serviço dos princípios e valores característicos do regime e do ideal feminino que propunha: biografia, conto, romance, novela, poesia, religião, moral, história, ciência e natureza. Ver em anexo a lista de livros aconselhados nestes artigos.

ou estrangeira, profana ou religiosa, toda ela merece a atenção da *Menina e Moça*^(M). De entre as artes plásticas, a pintura é sem dúvida aquela a que aqui é dado maior relevo. Com efeito, a *Menina e Moça* sabe explorar da forma mais conveniente o valor sugestivo da imagem, para tornar a sua mensagem em algo mais atraente e com maior impacto junto das suas leitoras. Neste sentido, a par dos artigos sobre a vida e obra de grandes pintores(as), são também comuns os que vêem a sua mensagem embelezada e reforçada pela reprodução de uma ou mais pinturas célebres, que com frequência servem igualmente de ponto de partida para explorar determinados temas: a mulher, a família tradicional, o povo, a religião (cenas bíblicas, a Virgem e o menino, a Sagrada Família), a natureza⁽⁸⁵⁾.

No plano musical, para além de dar conta das actividades da M.P.F. a este nível⁽⁸⁶⁾, as revistas em análise dedicam vários artigos à música. Contudo, quer se trate de pequenos testes destinados a avaliar os conhecimentos das leitoras, quer se trate de artigos sobre a vida e obra de compositores, ou ainda de história da música, as preferências vão sem dúvida para a música clássica⁽⁸⁷⁾.

O teatro é outra das componentes culturais que faziam parte da formação intelectual da rapariga portuguesa. O *Boletim da M.P.F.* refere-se a ele como "[...] escola profundamente educativa ou [...] deseducativa". Considerando porém o seu lado positivo, designa- * 8

(M) Saliente-se que apesar disso, as preferências recaem sobre a arte religiosa e na arte portuguesa, às quais se dedicam um maior número de artigos.

(85) Cf., por ex. *Menina e Moça*: Bertha Leite, "Em Louvor da Mulher Portuguesa", n.º 23, Mar., p. 6; Coccinelle, "Outros Tempos", n.º 17, Set. 1948, p. 15; "O Elogio do Povo na Pintura de Malhoa", n.º 94, Jun. 1955, pp. 10-11; "Millet, Pintor de Camponeses", n.º 61-62, Jul.-Ago. 1952, pp. 12-13; "O Bom Samaritano", n.º 6, Out. 1947, p. 7; "Festejai Com Ternura e Devoção o Dia da Mãe", n.º 8, Dez. 1947, p. 8; "Pormenores da Paixão de Cristo na Obra de Grandes Mestres", n.º 23, Mar. 1949, pp. 10-11; "A Virgem e o Menino na arte Chinesa", n.º 32, Dez. 1949, p. 11; M. L. Bártholo, "Silva Porto. Pintor de Ar Livre", n.º 60, Jun. 1952, p. 13.

(86) Cf., por ex. *Menina e Moça*: "Notícias da M.P.F.", n.º 40, Set. 1950, pp. 6-7; "Notícias da M.P.F.", n.º 56, Fev. 1952, p. 20.

(87) A este nível refira-se a evolução constatada nos anos 60, numa outra revista da M.P.F., *Mãos Dadas*, no sentido de uma maior abertura à música moderna. Veja-se por ex.: M. C. M., "Charles Aznavour", n.º 58, Fev. 1967, p. 14; José Manuel Barata, "Mireille Mathieu", n.º 61, Abr. 1967, p. 15; *idem*, "Sammy Davies Jr.", n.º 63, Jul. 1967, p. 15.

o de "escola de vida", de grande valor e poder pedagógico⁽⁸⁸⁾. Por seu turno, a *Menina e Moça*, para além de noticiar as peças de teatro que com fins recreativos e "pedagógicos" eram levadas a cabo pelas filiadas da M.P.F.⁽⁸⁹⁾, inclui artigos onde fala das origens e história do teatro português, em que a figura de mestre Gil Vicente não é esquecida⁽⁹⁰⁾.

Finalmente o cinema, como os demais aspectos culturais, é aqui claramente posto ao serviço do ideal educativo proposto pelo regime através da M.P.F. e das suas duas revistas em análise.

De potencial inimigo, pela corrupção da moral e costumes que veicula e tende a tornar moda entre as meninas, o cinema é habilmente transformado num aliado poderoso. Como? Essencialmente de duas formas: seleccionando-se os filmes que pelo seu conteúdo se revelam inócuos ou coincidentes com o referido ideal educativo⁽⁹¹⁾, ou através de artigos que retratam actores e ⁹

⁽⁸⁸⁾ M. L. R, "Teatro", *Boletim da M.P.F.*, n° 93, Jan. 1947, p. 4.

(⁹⁰) Cf., por ex. *Menina e Moça*, na rubrica "Notícias da M.P.F.", n° 11, Mar. 1948, pp. 10-11; n° 17, Set. 1948, p. 16; n° 23, Mar. 1949, pp. 12-13; n° 59, Maio 1952, p. 12; n° 64, Out. 1952, pp. 14-15. O *Boletim da M.P.F.* também noticia este género de actividades; ver por ex.: M^a Joana Mendes Leal, "Recordando o Passado", n° 7, Nov. 1939, pp. 8-9.

⁽⁹⁰⁾ Cf., por ex. *Menina e Moça*.: Maria Estrela Monteiro, "As Origens do Teatro Português. O Auto da Visitação", n° 40, Set. 1950, p. 5; João A. Mendes Leal, "Flistória do Teatro Português", n°s 76 a 87. Note-se que o teatro é ainda abordado sob a forma de entrevista a actrizes famosas, das quais salientamos a realizada a Cecile Sorel, em que esta, depois de aconselhar às raparigas portuguesas que cultivem a alma, remata com um elogio rasgado a Salazar: "Mas vós, raparigas portuguesas, vós tendes um homem que recreou o vosso país e o tomou invejável aos olhos de todo o mundo: é Salazar.[...] É a ele que deveis tudo isto. Mas, vêde bem, é um crente, a quem Deus protege e ajuda e, por isso, é um verdadeiro exemplo de humanidade. Imitai-o raparigas portuguesas..."; (M^a Estrela, "Cecile Sorel fala para a Menina e Moça", *Menina e Moça*, n° 20, Dez. 1948, p. 14).

⁽⁹¹⁾ Cf., por ex., *Menina e Moça*. : João Mendes Leal, "A lição dum filme", n° 9, Jan. 1948, p. 13; "A Família Trapp", n° 124, Jan. 1958, p. 15; ver também por ex., *Boletim da M.P.F.*: Mary Forbes, "Júlia — Ala Arriba", n° 47, Mar. 1943, p. 5; "A Canção de Bemardette", n° 72, Abr. 1945, p. 6. A este propósito saliente-se a admiração que ambas as revistas evidenciam por Walt Disney: ver por ex., *Boletim da M.P.F.*, M.J., "A Propósito da Reposição de Branca de Neve e os Sete Anões", n° 94, Jan. 1947, p. 5; ver por ex., *Menina e Moça*.: "Quando o Cinema é Arte", n° 45, Fev. 1951, p. 20; "A Dama e o Vagabundo", n° 103, Mar. 1956, p. 13.

estrelas de cinema na sua vida familiar real, onde ao contrário das personagens que interpretam na tela, se evidenciam como membros normais de qualquer família sã: procura-se desmistificar toda a áurea de estrelado, tão nefasta quanto atraente para as jovens, contrapondo-se o bom exemplo da vida real ao mau exemplo dado na tela⁽⁹²⁾.

É pois importante que as meninas saibam seleccionar o "bom" cinema, não só para bem da sua formação, como também da própria formação das crianças que tenham ou possam vir a ter mais tarde a seu cargo. Assim, num dos artigos que dedica ao cinema, a *Menina e Moça* chama a atenção para o facto de nem todas as fitas serem mental ou moralmente aconselháveis às crianças, apresentando como prova disso uma série de fotografias tiradas no cinema, em que aquelas escondem o rosto com as mãos face às cenas que decorrem: "Grava bem nos teus olhos estas imagens, não te esqueças, e se um dia Deus te der filhos (e desde já às crianças sob tua influência) defende-os dos maus espectáculos! Preserva a sua saúde! Respeita a sua alminha! [...] E tu mesma dá o exemplo: não frequentes mau cinema"⁽⁹³⁾.

C⁹²⁾ Cf., por ex., *Menina e Moça*: "Cinema", n.º 10, Fev. 1948, p. 19; "Cinema", n.º 40, Set. 1950, p. 2; "No Cinema. Na Vida", n.º 51, Set. 1951, p. 15; Júlio de Sousa Martins, "Em Hollywood também há casamentos felizes", n.º 104, Abr. 1956, p. 17; "Página de Cinema — Estrelas, Pintainhos, Cães, Flores e Elefantes...", n.º 110, Out. 1956, p. 18; ver também por ex., *Boletim da M.P.F., M.L.B.*, "Hollywood e as Crianças", n.º 95, Mar. 1945, p. 15. Note-se, a este nível, o especial destaque dado aos filmes estrangeiros, nomeadamente aos americanos: ao que tudo indica, o cinema americano, com os seus astros e estrelas (e não será por acaso que a ficha técnica dos filmes se reduz normalmente aos seus intérpretes), seria dos mais apreciados pelo público feminino e daí que grande parte das atenções e cuidados se voltem para ele. A este propósito vejam-se dois curiosos artigos da *Menina e Moça*: João António Mendes Leal, "A lição de um filme", n.º 9, Jan. 1948, p. 13; M^a Benedita, "A Fascinação da Imagem", n.ºs 15-16, Jul.-Ago. 1948, p. 11. A este nível, refira-se ainda que o alerta contra os perigos do cinema americano está bem patente na obra de António Ferro, *Teatro e Cinema (1936-1949)*, Lisboa, Ed. S.N.I., s.d., pp. 44-45.

⁽⁹³⁾ "Repara nestas fotografias", *Menina e Moça*, n.º 46, Mar. 1951, p. 14. O cinema devia reforçar a mensagem moralizante e doutrinadora que a revista procurava veicular e inculcar às suas leitoras. Daí que estas sejam mesmo convidadas a enviar "[...] sugestões sobre motivos portugueses, vincadamente morais e nacionalistas para realização de pequenas filmes [...]", (Vítor Raposo,

Por outro lado, a par dos intuitos moralizadores e doutrinadores sempre subjacentes aos artigos relativos à instrução e à cultura, tenha-se em conta que a formação intelectual da rapariga portuguesa, não era tanto vista como um fim em si, mas mais como complemento necessário para o correcto desempenho da sua verdadeira missão de educadora e esposa colaboradora e companheira. Assim, sobre a formação intelectual diz-se o seguinte: "Esta formação eleva também o ambiente familiar e projecta-se directa e imediatamente na vida social e pública.[...] Que ela [a rapariga portuguesa] possa vir a ser dentro do Lar a auxiliar do marido, a sua companheira inteligente e sensata, a educadora e orientadora dos filhos, e que possa fazê-lo em plena consciência dos deveres para com a Pátria⁽⁹⁴⁾.

A *Menina e Moça* mostra-se plenamente concordante com esta posição dizendo: " [...] uma mulher nunca é culta de mais, e ai dela se não souber aliar aos seus dotes intelectuais o bom senso e o saber da 'experiência vivida' que a vida prática lhe traz! "⁽⁹⁵⁾. Sem dúvida que propõe um ideal de mulher culta e inteligente, indo mesmo buscar à Antiguidade o exemplo de Aspásia, companheira de Péricles, "[...] que juntava à sua beleza um espírito inteligentíssimo [...]"⁽⁹⁶⁾ ou referindo e apontando às estudantes, as mulheres que receberam o prémio Nobel⁽⁹⁷⁾, como exemplo de trabalho e dedicação a seguir.

Note-se porém, que a vida familiar nunca é subalternizada ao estudo, dando-se a este propósito o exemplo de Madame Curie⁽⁹⁸⁾, célebre pelos estudos realizados no âmbito da física com * 17

"Cinema", *Menina e Moça*, n° 18, Out. 1948, p. 8); e daí também que se faça a apologia do "filme ensino". (Vítor Raposo, "Tilme Ensino", *Menina e Moça*, n° 24, Abr. 1949, p. 5).

⁽⁹⁴⁾ S.P.N., M. P. F. — *Organização...*, p. 7.

⁽⁹⁵⁾ Adriana Rodrigues, "Contos da Carochinha — Conhecer Peixes", *Menina e Moça*, n° 2, Jun. 1947, p. 15.

⁽⁹⁶⁾ Maria Paula Azevedo, "Conversas", *Menina e Moça*, n° 18, Out. 1948, p. 17.

⁽⁹⁷⁾ Coccinelle, "As Mulheres também têm ganho o Prémio Nobel", *Menina e Moça*, n° 14, Jun. 1948, p. 9.

⁽⁹⁸⁾ Ester Gaspar Soeiro, "Ano Novo Vida Nova!!!", *Menina e Moça*, n° 21, Jan. 1949, p. 15; Maria de Carvalho, "Leituras", *Menina e Moça*, n° 31, Nov. 1949, p. 5.

a descoberta do rádio e de Carolina de Herschel("), que no séc. XVIII se dedicou, com o irmão, ao estudo da astronomia. Nunca ambas esqueceram os seus deveres familiares, que sempre puseram acima de tudo, ainda que harmoniosamente os tivessem conciliado com os seus estudos.

Paralelamente diz-se que a mulher deve ser culta, para que o seu casamento não caia na monotonia⁽¹⁰⁰⁾, mas é preciso também não cair em extremos, evitando tomar "[...] ares de sabichona"⁽¹⁰¹⁾. Eis o que a este propósito nos diz o *Boletim da M.P.F.*: "A rapariga carece de se lembrar, ainda que se tenha igualado ao homem na instrução e na inteligência, de que ele detesta que ela queira mostrar-se superior, impor-se, e que quanto mais culta fôr mais ele apreciará encontrar da parte dela certa deferência pela sua opinião, certo acatamento, tácito que seja, da sua autoridade"⁽¹⁰²⁾.

Em suma, para o desempenho eficaz e consciente da sua verdadeira missão, é necessário que a jovem se cultive. A sua cultura, porém, não deverá ter nunca outro fim se não o de servir o país, através da sua dedicação à família e à vida do lar, onde deveria desempenhar o papel de esposa submissa e mãe dedicada.

Concluimos com a própria Christine Garnier, que em entrevista à *Menina e Moça*, quando abordada pela questão do trabalho feminino fora de casa, confessa: "— Falo contra mim, mas sinceramente — julgo que a mulher perde, quando se entrega a ocupações fora do seu lar, muito do seu encanto e da sua graça feminina. Ela não foi realmente feita para poder competir com o

(") Francisca de Assis, "Carolina de Hershel", *Boletim da M.P.F.*, n.ºs 63-64, Jul.-Ago. 1944, pp. 20-21.

⁽¹⁰⁰⁾ Cf., por ex., "Recortes", *Menina e Moça*, n.º 23, Mar. 1949, p. 7.

⁽¹⁰¹⁾ "Gostas de Agradar? Pretendes Casar?", *Menina e Moça*, n.º 33, Jan. 1950, p. 15.

⁽¹⁰²⁾ Maria de Carvalho, "Raparigas e Rapazes de Hoje", *Boletim da M.P.F.*, n.º 26, Jun. 1941, p. 6. Também a *Menina e Moça* é da mesma opinião, dizendo que os homens não gostam de raparigas tolas, mas sim das que sejam "[...] finas, inteligentes, cultivadas (com descrição) [...]", aconselhando a deixá-las brilhar nas conversas, pois caso contrário, correrão o risco de serem rotuladas de "pedante" e "aborrecida". "[...] eles desejam que embora possuindo as mais belas qualidades do vosso sexo, lhes deis a impressão de que são 'eles' os mais fortes, os melhores, os mais entendidos. E talvez as suas reivindicações tenham razão de ser". ("Como eles vos julgam", n.º 115, Mar. 1957, p. 13).

homem. Ele tem sobretudo um passado de milhões de anos de luta pela vida, que o torna sempre superior à sua companheira¹⁰³).

Mulher culta e instruída sim, mas nada de confusões! É preciso que ela saiba ocupar o lugar que por natureza lhe compete, usando prioritariamente em proveito deste a sua inteligência e o saber adquirido.

Conclusão

Criada para apoiar e servir o regime estadonovista, a M.P.F. acompanhou a sua derrocada, vindo a extinguir-se em 1974.

A análise que efectuámos ao longo de dezanove anos (1939 a 1957) de publicação dos seus dois mais importantes periódicos — o *Boletim da M.P.F.* e a revista *Menina e Moça* — teve por objectivo, mostrar qual o ideal educativo feminino proposto pelo regime através daquela organização de juventude.

Neste sentido, vimos que a educação das meninas passava por cinco componentes tidas como fundamentais para a sua formação de mulheres portuguesas e cristãs: a formação moral e religiosa e a exaltação da fé e das virtudes cristãs; a formação nacionalista associada ao amor da pátria, ao ideal rural, marítimo e colonial; a formação familiar e doméstica e o culto da família; a educação física e o sentido da ordem e disciplina; e por fim, o estudo e a cultura, associadas ao desejo de promover o gosto pela arte, literatura e ciência¹⁰⁴ .

⁽¹⁰³⁾ J.A. Mendes Leal, "Conversando com Christine Garnier", *Menina e Moça*, n.º 60, Jun. 1952, p. 5.

⁽¹⁰⁴⁾ A forma como fizemos corresponder alguns dos traços da ideologia salazarista às diversas componentes da educação feminina, peca obviamente pelos termos excessivamente simplistas e lineares com que foi apresentada. Na verdade, a ideologia do Estado Novo entrelaça-se de modo bem mais complexo nas diversas componentes educativas. Assim por exemplo, o ideal rural não transparece apenas na formação nacionalista, mas também na formação familiar e doméstica, associado à apologia do lar ninho ou ainda à formação moral e religiosa que constantemente aponta o campo e as suas gentes como estandartes do ideal cristão — ver por ex. *Menina e Moça*: Adriana Rodrigues, "Novos Contos da Carochinha — Minha Casa, Minha Casinha", n.º 70, Abr. 1953, p. 12; "Evangelho Vivo", n.º 63, Set. 1952, pp. 10-11; ver também

Por outro lado, pudemos constatar que em termos globais, toda a temática tratada e utilizada nas duas publicações analisadas, com vista a veicular e a inculcar às suas leitoras este ideal educativo, acabava por convergir para uma única ideia base: a mulher como reprodutora da ideologia salazarista, no seu papel de mãe e educadora das futuras gerações.

Não nos cumpre aqui avaliar até que ponto este ideal foi ou não aceite e concretizado, até porque os escassos dados de que dispomos não nos permitem uma tal abordagem, sem dúvida do maior interesse para o conhecimento mais aprofundado daquilo que foi ou pretendeu ser a M.P.F.

Todavia, não deixaremos de levantar algumas questões e hipóteses que julgamos de alguma pertinência e viabilidade, de acordo com os poucos elementos que conseguimos reunir.

Assim, ainda que os propósitos da M.P.F. tivessem sido os de abranger toda a juventude feminina, da metrópole às colónias e mesmo os núcleos residentes no estrangeiro⁽¹⁰⁵⁾, a verdade é que isso se mostrava incompatível com a realidade portuguesa de então. Sabemos que pelo menos nos seus inícios, a M.P.F. terá encontrado um Portugal macrocéfalo e essencialmente rural, onde a pobreza se fazia sentir de modo flagrante, mas onde a indústria tendia a despoletar e a desenvolver-se. A taxa de analfabetismo, em virtude destas mesmas circunstâncias, era ainda bastante elevada, afectando em primeiro lugar as mulheres. Paralelamente, sabemos também que a frequência escolar se fazia ressentir do baixo nível económico e cultural da população portuguesa. No início da década de 40, apenas cerca de um terço das crianças frequentariam a escola e dessas, as meninas seriam invariavelmente em menor número⁽¹⁰⁶⁾.

Ora, é a própria Organização que nos diz que a sua actuação se fez sentir fundamentalmente ao nível das camadas estudantis⁽¹⁰⁷⁾, * 17

por ex. *Boletim da M.P.F.*: Maria Joana Mendes Leal, "Aldeias Portuguesas", n.º 17, Set. 1940, pp. 10-11; Coccinelle, "Pescadores", n.º 29, Set. 1941, pp. 8-9.

⁽¹⁰⁵⁾ Cf. Lopes Arriaga, *ob. cit.*, pp. 143-144 (Art. 7.º do regulamento da M.P.F.)

⁽¹⁰⁶⁾ Cf. M. F. Mónica, *ob. cit.*, Iª Parte, cap. IE, p. 71; e 2ª Parte, cap. VI, pp. 245-248.

⁽¹⁰⁷⁾ Cf. nt. 6. Note-se que a M.P.F. parece ter tido uma menor importância face à sua congénere masculina. A título de exemplo, refira-se que esta última foi criada em 1937, estendendo-se às colónias em Fevereiro de 1939. Um ano antes havia sido criada a M.P.F., a qual apenas em Outubro de 1960 chegaria às colónias, vindo a tomar posse a primeira Comissária Adjunta para o Ultramar,

o que de certo modo lhe acaba por conferir um carácter elitista. Este facto não parecia preocupar muito os dirigentes. Na verdade, apostar primeiramente na formação de elites e não da massa em geral, era uma ideia que ia de encontro aos desígnios do Chefe, no que se refere à formação de um escol nacional⁽¹⁰⁸⁾. De resto, esse elitismo constata-se com frequência na análise das duas fontes base do nosso trabalho: no tipo de cultura que veiculam (a música clássica, a arte, a literatura, etc.); pelo contexto social em que muitas vezes colocam as suas leitoras (as festas e os bailes de gala, os casinos, as idas constantes ao cinema, o incentivo a desportos menos acessíveis como era o caso da equitação, as férias no campo ou na praia, de preferência à cidade e ao estrangeiro e a relação amistosa que devem manter com o povo humilde, as recomendações de condescendência para com os criados, etc.); pelos hábitos e comportamentos que indirectamente lhe acabam por atribuir, quando os criticam e procuram combater (o luxo e a extravagância no vestir, calçar, na forma como se penteiam, as pinturas, o tabaco, etc.)⁽¹⁰⁹⁾.

Posto isto, podemos concluir que essa elite estudantil a que a M.P.F. se dirigia primeiramente, identificava-se com as camadas de maiores recursos económicos, mais ricas e preparadas do ponto de vista cultural, mentalmente mais abertas à inovação e à mudança e por isso mesmo, mais rebeldes face à educação e doutrinação conservadora que o Estado Novo lhes propunha⁽¹¹⁰⁾.

em Janeiro de 1961. Ver S.P.N., *M. P. F. — 25 Anos...*, p. 88 e também, Lopes Arriaga, *ob. cit.*, pp. 11,34,115.

⁽¹⁰⁸⁾ Cf. M. Filomena Mónica, *ob. cit.*, p. 116.

⁽¹⁰⁹⁾ Cf., por ex. *Boletim da M.P.F.*: Coccinelle, "Equitação", n° 18,1940, p. 11; "Os que não têm Férias", n° 28, Ago. 1941, p. 5; ver também por ex. *Menina e Moça*: Maria Benedita, "Primeiro Baile", n° 13, Maio 1948, p. 6; M^a Benedita, "Acerca da Elegância", n° 29, Set. 1949, p. 18; M^a Paula Azevedo, "Conversas", n° 39, Jul. 1950, p. 19; "Jantar de Festa", n° 57, Mar. 1952, p. 8; "Férias", n° 84, Jul.-Ago. 1954, p. 4. Outros exemplos podem ser encontrados nas notas referentes aos anteriores capítulos, para as quais remetemos o leitor.

⁽¹¹⁰⁾ As publicações analisadas não referem isto de uma forma directa e expressa, mas acabam por se atraiçoar nas críticas que fazem, podendo-se ler nas suas entrelinhas, uma certa resistência e desdém pela M.P.F.; ver por ex. *Boletim da M.P.F.*: M.J., "Na Praia do Estoril", n° 3, Jul. 1939, pp. 8-9; V.P., "As Três Mocidades", n° 5, Set. 1939, p. 10.

A este nível, convirá também referir que o ponto base em que assenta o ideal educativo feminino do Estado Novo, não constitui propriamente algo de muito novo, pois desde sempre a mulher foi remetida para uma posição de subalternidade em relação ao homem, confinando-se o seu papel às tarefas do lar. E ainda que a tais tarefas se viessem juntar o trabalho na terra ou na fábrica, o pai, o marido, ou o filho mais velho permaneciam como os chefes de família, aos quais cabia obedecer^(m).

Esta diferenciação ao nível dos papéis atribuídos ao homem e à mulher, de que Salazar se mostrava claro adepto⁽¹¹²⁾, identificava-se de resto, com a doutrina da Igreja Católica, à qual as massas rurais, analfabetas e ainda bastante apegadas aos princípios e valores subjacentes à moral cristã, não mostravam grande resistência⁽¹¹³⁾.

A juventude feminina estava assim dividida em dois grandes grupos: o das raparigas pertencentes às camadas rurais mais humildes da população, receptivas ao ideal educativo proposto pelo Estado Novo, mas muitas vezes impedidas de o cumprir pelas necessidades económicas que as obrigavam ao trabalho fora de casa,

(^m) A este propósito veja-se Luís A. Vicente Baptista, "Valores e Imagens da Família em Portugal nos Anos 30 — O Quadro Normativo", in *A Mulher na Sociedade Portuguesa*, Coimbra, I.H.E.S., Fac. Letras, 1986, pp. 191-219 e também José Gentil da Silva, "A Mulher e o Trabalho em Portugal", in *A Mulher na Sociedade Portuguesa*, Coimbra, I.H.E.S., Fac. Letras, 1986, pp. 263-307.

(¹¹²) O pensamento do Chefe em relação a esta questão pode ser encontrado em várias obras. Veja-se por ex. Christine Gamier, *Férias com Salazar*, Lisboa, 1952, pp. 11-12; António Ferro, *Salazar*; Empresa Nacional de Publicidade, 1933, pp. 133-135, citado em Maria Belo e outras, *oh. cit.*, p. 267; António de Oliveira Salazar, *Como se Levanta um Estado*, Lisboa, Golden Books, 1977, pp. 96-97, citado em Maria Belo e outras, *oh. cit.*, p. 266.

(¹¹³) A este propósito, tenha-se em conta que a concepção de educação feminina veiculada pela revista da J.C.F., *Stella*, não difere na sua essência, da mensagem difundida pelas revistas da M.P.F., apenas se notando uma maior insistência dada aos valores e moral cristã, bem como um acentuado espírito anti-comunista. Veja-se por ex.: *Stella*: n° 3, Mar. 1937 — "A mulher Cristã", (p. 60) e "Teatro de Juventude", (pp. 70 e 72); Maria de Portugal, "Acudamos à Mocidade", n° 4, Abr. 1937, p. 94; Apsara, "A Educação da Criança", n° 7, Jul. 1937, p. 182; Mira Ceti, "A negação da Família pela união livre", n° 1, Jan. 1939, pp. 3-5; Maria de Carvalho, "A Mulher Cristã e a Guerra", n° 10, Out. 1939, p. 254; Mira Ceti, "A mutilação da Família pela esterilidade voluntária", n° 12, Dez. 1939, pp. 310-311.

nomeadamente no sector industrial⁽¹⁴⁾; e as meninas pertencentes às classes sociais mais abastadas, geralmente concentradas nos centros urbanos, que nem sempre se mostravam muito interessadas na prática desse mesmo ideal⁽¹⁵⁾. Era sobre estas últimas que os ventos de mudança se faziam sentir. O problema da emancipação feminina torna-se particularmente comum na *Menina e Moça*, facto a que de certo não serão alheias as transformações do pós-guerra⁽¹⁶⁾.

Definindo-se como "[...] associação de gente nova [...] sem partidatismo ou espírito de clube a M.P.F. arrogava-se do seu espírito pragmático, afirmando a necessidade de acompanhar a evolução dos tempos, sempre, claro está, dentro dos limites moralmente desejáveis⁽¹⁷⁾. A sua abertura à inovação mostrou-se porém muito relativa⁽¹⁸⁾. Mais do que acompanhar essas mudanças, a M.P.F. tentou refreá-las, procurando desse modo, conservar a mulher dentro do seu papel e tarefas tradicionais de esposa, doméstica e de mãe do Portugal do amanhã, do qual dependia em larga medida a continuidade do regime e da sua ideologia.

(14) Sobre o assunto veja-se os estudos de Ana Nunes de Almeida, "Mulheres, Trabalho e Família", in *A Mulher na Sociedade Portuguesa*, Coimbra, I.H.E.S., Fac. Letras, 1986, pp. 421-432 e de Maria Eugénia Martins Cosmelli, "Discriminação da Mulher no Trabalho e no Emprego", in *A Mulher na Sociedade Portuguesa*, Coimbra, I.H.E.S., Fac. Letras, 1986, pp. 397-406.

(15) Tenha-se em conta que esta divisão aponta para uma certa clivagem existente ao nível da sociedade, sobretudo na década de 30 e até meados da de 40, altura em se assiste a uma desruralização e a uma crescente urbanização e terciarização, com o crescimento das classes médias urbanas, facto para o qual contribuiu a industrialização, sentida sobretudo a partir da guerra. A este propósito veja-se M. Filomena Mónica, *oh. cit.*, Iª Parte, cap. UI, pp. 69-81, e também, Manuel Braga da Cruz, *oh. cit.*, 1988, pp. 42-43.

(16) Ver por ex *Menina e Moça*: "De Tudo Um Pouco — O que pensava Ramalho Ortigão da educação feminina", n.º 9, Jan. 1948, p. 2; Miguel, "Pergunta Ela Responde Ele", n.º 69, Mar. 1953, p. 12; A. Rodrigues, "Novos Contos da Carochinha — Um Marido Ideal", n.º 80, Mar. 1954, p. 18; A. Rodrigues, "Novos Contos da Carochinha — Na Idade das Asas", n.º 117, Maio 1957, p. 19

(17) Cf., S.P.N., *M.P.F. — 25 Anos...*, Lisboa, s.d., pp. 6-8.

(18) Para além dos princípios ideológicos que a regiam, a M.P.F. seguia de muito perto o exemplo do Chefe, no sentido prático que procurava dar aos seus ideais, bem como na política de falsa cedência face aos seus opositores, mediante a sua subtil e hábil conversão em aliados. Relembremos por exemplo, a sua actuação nas revistas analisadas, sobretudo ao nível da *Menina e Moça*, em relação ao cinema.

APÊNDICE

Hierarquia de dirigentes da M.P.F.

COMISSARIADO NACIONAL

Comissária Nacional

Comissárias Adjuntas

DIRECÇÕES

DE

SERVIÇOS

DELEGACIAS DISTRITAIS

Delegadas Distritais

Delegadas Adjuntas

INSPECÇÃO

DE

SERVIÇOS

SUBDELEGACIAS REGIONAIS

Subdelegadas Distritais

Subdelegadas Adjuntas

CENTROS

Directoras de Centro

Directoras Adjuntas

Educadoras

in Secretariado de Propaganda Nacional, *Mocidade Portuguesa Feminina — 25 Anos de Actividade*, Lisboa, s.d., p.10.

Lista de publicações da M.P.F.

L Publicações Periódicas:

- Boletim da Mocidade Portuguesa Feminina*: revista mensal -1939, Maio (nº1)-1947, Abril (nº96) - Cont. por *Menina e Moça*:.
Boletim da Mocidade Portuguesa Feminina. Ciclo Complementar do Ensino Primário e Ciclo Preparatório do Ensino Secundário: trimestral - 1968/69. - Subdividiu-se em duas secções:
I. *Boletim da Mocidade Portuguesa Feminina*. Ensino Primário — 1970-1974 ?.
II. *Boletim da Mocidade Portuguesa Feminina*. Ciclo Preparatório. Ensino Secundário. — 1970-1974?.
- Boletim para dirigentes da Mocidade Portuguesa Feminina*: Irreg.? — 1946-1952. — Cont. por:
I. *Boletim para Dirigentes da M.P.F.: centros primários*: Irreg.? — 1952-1968/74?.
II. *Boletim para Dirigentes da M.P.F.: centros Uceáis e técnicos*: Irreg.? — 1952- 1968/74 ?.
- Fagulha*: revista infantil quinzenal — 1958, Jan.(nº1)-1974, Abril (nº391) — Cont. de: *Lusitas*.
Lavores e Trabalhos Manuais: Semestral. — 1969?-1971?.
- Lusitas*: revista infantil quinzenal. — 1943-1957 — Cont. por: *Fagulha*
Mãos Dadas: revista juvenil mensal — 1961-1974?.
- Menina e Moça*: revista mensal: 1947, Maio (nº1)-1974 (nº300) — Cont. de *Boletim da Mocidade Portuguesa Feminina* ^{II}.

II. Publicações da M.P.F. ou a ela relativas:

- ALMEIDA, Maria Joana Emiliano de, *Mocidade Portuguesa Feminina e o Ideário da Rapariga Portuguesa*, Lisboa, 1963.
ARRIAGA, Lopes, *Mocidade Portuguesa. Breve História de Uma Organização Salazarista*, Lisboa, Terra Livre, 1976.
Comissariado Provincial da Mocidade Portuguesa Feminina — Missão de Dirigentes, 1970.
Mocidade Portuguesa Feminina — Actividades circum-escolares; programas 1967-1970, Lisboa, M.P.F., (1969).
Mocidade Portuguesa Feminina — Agenda, 1962.

- Mocidade Portuguesa Feminina — Basquetebol, Lisboa, Oficinas Gráficas de Neogravura, folhs. Separata do *Boletim Dirigentes*.
- Mocidade Portuguesa Feminina — *Concentração em Fátima*, Setembro, 1953.
- Mocidade Portuguesa Feminina — *Poesias de Crianças sobre a Mãe*, Luanda, M.P.F., 1970.
- Mocidade Portuguesa Feminina — Suplemento Auxiliar do Programa de Culinária, 1969.
- Mocidade Portuguesa Feminina, Comissariado Nacional, *Visita à Metropole das Raparigas do Mundo Português*, 1953.
- Mocidade Portuguesa Feminina, *Consagração das Raparigas do Mundo Português a Nossa Senhora de Fátima*, Setembro, 1953.
- Mocidade Portuguesa Feminina, *Festival da Juventude - Aveiro -1972 - Exposição bibliográfica comemorativa do Quarto Centenário da Publicação de "Os Lusíadas"*. Aveiro, S.L., (Edições do A.), 1972.
- Mocidade Portuguesa Feminina, *Lar de Nossa Senhora da Paz*. M.P.F., Sá da Bandeira, Edições do A., 1973?.
- Mocidade Portuguesa Feminina, *Ler para crescer. Lista dos Livros seleccionados*. Lisboa, M.P.F., Abril, 1968/69.
- Mocidade Portuguesa Feminina, *Mística da Mocidade Portuguesa Feminina, Formação Moral e Social, Plano de Actividades*, Lisboa, s.d.
- Secretariado de Propaganda Nacional, *Mocidade Portuguesa Feminina — 25 Anos de Actividade*, Lisboa, 1964 ?
- Secretariado de Propaganda Nacional, *Mocidade Portuguesa Feminina, Mocidade Portuguesa Feminina — Organização e Actividade*, Lisboa, s.d.

Livros aconselhados pela Menina e e Moça

A lista que se segue é exclusivamente constituída pelos livros aconselhados pela revista *Menina e Moça*, na sua rubrica "Leituras", a cargo de Maria de Carvalho.

- ALMEIDA, José Luís de, *Memórias do Marquês de Lavradio*, Lisboa, Edições Ática, 1947.
- ALMEIDA, Salomé de, *Presente de Natal*, s.l., s.d.
- ALVES, Augusto Durão, *Rapariga Emancipada*, Torres Novas, 1944.

- ALVES, Augusto Durão, *Rapariga Ideal*, Torres Novas, 1947.
- ALVES, Augusto Durão, *Rapariga Moderna*, Lisboa, 1943.
- ANJOS, Maria Simões, *Contos de Natal*, Lisboa, 1948.
- AZEVEDO, Maria Paula, *Terra Pátria*, Figueira da Foz, 1948.
- AZEVEDO, Maria Paula, *Uma Família Portuguesa*, Col. "Portuguesa", Porto, Editorial Domingos Barreira, 1952.
- BABO, Padre Francisco de, *Alminhas Portuguesas*, Porto, 1957.
- BERNAGE, Berthe, *Arte das Boas Maneiras — Moderno Manual de Boa Educação e Civilidade*, Lisboa, Portugália Editora, 1967.
- BERNAGE, Berthe, *Arte das Boas Maneiras*, Lisboa, Portugália, 1956.
- BERNAGE, Berthe, *Brigitte* (6 vol.), Lisboa, Portugália Editora.
- BROCHADO, Costa, *Fátima à Luz da História*, Lisboa, s.d.
- BRUMA, Maria da, *Amor e Graça do Lar*, Lisboa, Sociedade Industrial de Tipografia Lda, 1942.
- CARVALHO, Domitília de, *Para o Alto*, Porto, 1956.
- CASTRO, Eugênio de, *Cartas de Sua Magestade a Rainha Senhora D. Amélia a D. Manuel de Bastos Pina, Conde de Coimbra*, s.l., s.d.
- CASTRO, Fernanda de, *Asa no Espaço*, Col. "Poesia", Lisboa, Edições Ática, 1955.
- CASTRO, Fernanda de, *Trinta e Nove Poemas*, Lisboa, Editorial Império, Lda., s.d.
- CASTRO, P. José, *O Prior do Crato*, Lisboa, União Gráfica, 1942.
- CID, Maria da Graça Varela, *Êxtase*, Lisboa, Oficina da Imprensa Portuguesa, 1949.
- CID, Maria da Graça Varela, *Manolete*, 2ª ed., Lisboa, Papelaria Veneza, 1948.
- COELHO, Sara Pinto e Maria da Soledade, *Confidências de Duas Raparigas Modernas*, Porto, 1946.
- COELHO, Sara Pinto e Maria da Soledade, *O Diário de Maria Inês*, Coimbra, 1956.
- COLAÇO, Branca de Conta, *Abençoada a Hora em Que Nasci*, Lisboa, 1945.
- COSTA, Luís Moreira de Sá e, *Apostulado*, Porto, Casa Moreira de Sá, 1946.
- COSTA, Luís Moreira de Sá e, *Cartas de Um Religioso*, Porto, 1940.
- COSTA, Luís Moreira de Sá e, *Palavras aos Novos*, Porto, 1941.
- CRAVINA, Santos, *Amor de Mãe*, Porto, 1949.
- CRAVINA, Santos, *De Betânia ao Golgota*, Lisboa, s.d.
- CRAVINA, Santos, *Epopeia de Salazar*, Porto, 1949.

- CRISTO, Madre Catarina de Jesus, *À Cabeceira dos que Sofrem*, s.l., s.d.
- CUNHA, R. da, *Dá o Sol na Minha Janela*, Coimbra, 1950.
- CURIE, Eve, *Madame Curie*, Lisboa, Edição Livros do Brasil, 1972.
- DOUGLAS, Lloyd G., *A Túnica*, Lisboa, Editorial Minerva, 1964.
- FERREIRA, Maria Eugénia Pedro, *Mãos Dadas*, Lisboa, 1954.
- FIGUEIREDO, Antero de, *Pessoas de Bem*, 2ª ed., Lisboa, 1942.
- FIGUEIREDO, Tomás de, *A Toca do Lobo*, Lisboa, Edições Ática, 1947.
- FREIRE, Natércia, *Rio Infundável*, Lisboa, Oficina Gráfica Lda, 1947.
(Prémio Antero de Quental do SNI)
- FREITAS, Luzia Grande Lamelino de, *Dias que já lá vão*, s.l., s.d.
- GERÇÃO, Teolinda Maria de Castilho, *Liliana*, Coimbra, Imprensa de Coimbra Lda., 1954.
- LEAL, João António Mendes, *Sombras do Meu Jardim*, Lisboa, Oficinas de S. João, 1952.
- LEAL, Maria Joana Mendes, *O Santo Padre Cruz*, Porto, Livraria Apostolado da Imprensa, 1954.
- LEITE, Berta, *O Livro da Menina*, Lisboa, 1948.
- LEKEUX, P. Martial, *Maggy*, Biblioteca Utile-Dulci, s.l., s.d.
- LEMOS, Ester de, *Rapariga*, Porto, Livraria Tavares Martins, 1949.
- MACHADO, M^a E. Ferreira de Sousa e outras, *Parabéns*, M.P.F., 1949.
- MAGALHÃES, António Pereira Dias de, *Divina Saudade*, Braga, Cruz, 1950.
- MARIA DE FÁTIMA, *Os Filhos de Dr. Vasconcelos*, Lisboa, 1947.
- MARIA, *O Modelo do Pintor*, s.l., s.d.
- MARIA, *Os Rumos da Vidas*, s.l., s.d.
- MARQUES, Maria de Marim, *Canções da Bruma e do Sal*, S. Paulo, 1945.
- MARTINHO, Branca Vasques, *As Oito Bem Aventuranças*, Régua, 1948.
- MENDONÇA, Virgínia Lopes de, *Ar Puro*, Lisboa, Editorial "Os Nossos Filhos", Lda., 1945.
- MONTEMOR, Nuno de, *As Duas Paixões de S. Paulo*, Lisboa, s.d.
- MONTEMOR, Nuno de, *Glória e Desengano do Herói*, Lisboa, 1949.
- MONTEMOR, Nuno de, *Quando se Tem Mãe*, Lisboa, União Gráfica, 1958.
- MONTEMOR, Nuno, *Água de Neve*, Lisboa, Tipografia da União Gráfica, s.d.
- MONTEMOR, Nuno, *Coração de Barro*, Lisboa, 1935.

- MONTEMOR, Nuno, *Encantos Meus*, s.l., s.d.
- MONTEMOR, Nuno, *O Amor de Deus e da Terra*, Guarda, Empresa Veritas, s.d.
- MONTEMOR, Nuno, *O Avô*, Lisboa, União Gráfica, Ld\ 7ª ed., 1960.
- MONTEMOR, Nuno, *O Irmão de Luzia*, União Gráfica, Lda, 1928.
- MUNTHE, Axel, *O Livro de S. Michele*, 5ª ed., Lisboa, Livros do Brasil, 1960.
- MÜLLER, Adolfo Simões, *Jesus Pequenino*, Lisboa, s.d.
- NATIVIDADE, J. Vieira, *Jornada a Um Mundo de Beleza*, Alcobaça, 1948.
- NEVES, Padre Moreira das, *Cantares de Santa Maria*, Lisboa, 1954.
- NEVES, Padre Moreira das, *O Anjo das Três Loucuras*, Braga, Candal-Gaia, 1978.
- NORTE, Amália Proença, *Grandes Valores de Portugal*, Lisboa, Editorial Império, Lda., 1949.
- NORTE, Amália Proença, *Raça Eterna*, Lisboa, s.d.
- PATRÍCIO, Maria Madalena de Martel, *Quando Eu Era Pequenina*, Lisboa, Escola Tipográfica das Oficinas de S. José de Lisboa, 1935.
- POTOCH, Waldemiro, *O Brasil e as Suas Riquezas*, s.l., s.d.
- QUADROS, António, *Além da Noite*, Lisboa, Parceria com António Maria Pereira, 1949.
- RAFAEL, António, *Rumo às Alturas*, Gouveia, 1951.
- REBELO, Maria Jacobina, *Branca de Conta*, s.l., s.d.
- RELIGIOSAS DO SAGRADO CORAÇÃO DE MARIA, *Vidas Vivas*, Coimbra, 1948.
- SABUGOSA, Conde de, *A Rainha D. Leonor*, Lisboa, Portugália, 1921.
- SALGADO, Plínio, *A Mulher no Século* Porto, Livraria Tavares Martins, 1946.
- SANCEAU, Elaine, *O Sonho da Índia*, Gol. "Peregrino", Porto, Livraria Civilização, 1943.
- SANCEAU, Elaine, D. *Henrique, o Navegador* (trad. de José Francisco dos Santos), Porto, Livraria Civilização, 1942.
- SANTOS, Maria Teresa Andrade, *Manta de Farrapos*, Lisboa, 1946.
- SÁ, Bernardo Moreira de, *História da Evolução Musical*, Porto, Casa Moreira de Sá, 1924.
- SÁ, Bernardo Moreira de, *História da Música*, Porto, Casa Moreira de Sá, 1920.
- SÁ, Bernardo Moreira de, *In Memoriam Bernardo B. Moreira de Sá*, Porto, Livraria Tavares Martins, 1947.

- SÁ, Bernardo Moreira de, *Manual História das Artes Plásticas*,
Porto, s.d.
- SARMENTO, Olga Morais, *As Minhas Memórias*, Lisboa, Portugália,
1948.
- STICCO, Maria, *O Dever e o Sonho*, Coimbra, Casa do Castelo, 1956.
- TRIGUEIROS, Miguel, *Deus*, Col. "Poesia Nova", Lisboa, Poesia
Nova, 1943.
- WILLIAM, F. M., *Maria, Mãe de Jesus*, (trad. de Caio Metelo), 7 ed.,
Coimbra, 1959.
- WISEMAN, Cardeal, *Fabiola*, Col. "Histórias", Lisboa, Editorial Ibis,
1959
- XAVIER, Adro, *Carlos Maria, Marinheiro* (trad. José Joaquim
Brás Lobo), Famalicão, 1950.